

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

68

MARÇO 2017
www.candido.bpp.pr.gov.br

Thiago Salcedo



As novas aventuras da Biblioteca

Modernizada, a BPP
completa 160 anos
e se consolida
como um espaço de
convivência, cultura
e conhecimento

T.S.

Entrevista | Alberto Manguel • Conto | Luci Collin • Poema | Ana Martins Marques



Um refúgio no mundo

Rogério Pereira

Bibliotecas são importantes. Esta breve frase — apenas três palavras — parece ingênua e desnecessária. Sim, para quem vive o dia a dia de uma instituição que chega aos 160 anos é mais do que desnecessária. É até banal. Risível, diria Milan Kundera. Sabemos da importância e relevância da Biblioteca Pública do Paraná (BPP) para milhares de pessoas todos os dias. Mas é preciso reforçar algo que, para nós, é óbvio e cristalino: as bibliotecas são imprescindíveis na vida cotidiana das comunidades.

Ao ler *Fantasma na biblioteca*, uma apaixonada defesa dos livros e da literatura feita pelo francês Jacques Bonnet, é impossível deixar de refletir, não sobre os fantasmas propostos pelo autor — aqueles seres que habitam as milhares de histórias nas obras que compõem as bibliotecas mundo afora —, mas a respeito das assombrações que ainda rondam praticamente todas as bibliotecas públicas no Brasil. E vêm fantasiadas de pavorosos estigmas. Os mais comuns: “biblioteca é lugar só de silêncio”; “biblioteca é espaço apenas de estudo”; “bibliotecas são chatas”; “bibliotecas estão com os dias contados com tanta tecnologia à disposição”; “ninguém mais vai às bibliotecas”. A lista é longa e tristemente equivocada.

Não é nada disso. Talvez estes lugares-comuns se encaixem àquelas bibliotecas que pararam no tempo e, infelizmente, servem apenas como depósitos de livros. Estas estão condenadas à irrelevância. Não é o caso da BPP. O vigor e a criatividade sem-

pre estiveram presentes nesta instituição que se projeta ao passado e ao futuro, num movimento constante ao lado da história sociocultural do Paraná e do Brasil.

Um olhar, por mais ligeiro que seja, comprova os caminhos possíveis para destruir estigmas e preconceitos. Uma biblioteca moderna precisa ir muito além dos livros. É claro que os livros sempre serão a alma de qualquer biblioteca. Sem eles, nada é possível. Mas é a partir deste objeto “antiquado” que construímos um projeto para o futuro. As bibliotecas são feitas de silêncio, mas também têm espaço para a música, o teatro, a contação de histórias, a dança, o cinema. Uma biblioteca é uma estrada segura rumo ao infinito.

Com esta ideia, nasceram na BPP inúmeros projetos (e esta edição do *Cândido* mostra alguns deles) que fazem desta biblioteca um espaço moderno e voltado à multiplicidade. Inclusive, o *Cândido* e suas edições mensais há mais de cinco anos são apenas uma prova concreta disso. Uma biblioteca multiplica ideias, espalha oportunidades e dilata a consciência do mundo.

Pelos quase 9 mil metros quadrados do prédio cravado no centro de Curitiba passam diariamente cerca de 3 mil pessoas. Neste movimento, similar à população de algumas pequenas cidades brasileiras, constrói-se um ambiente de afeto.

Foi-se o tempo em que estantes, muitas vezes empoeiradas, ficavam aguardando apenas uma mão em busca de um livro. Os livros — estes seres

que nos humanizam — estão lá à espera do leitor. No entanto, é a partir do contato com a leitura, seja ela lúdica ou pragmática, que as bibliotecas precisam ampliar-se na busca de atender demandas diversas. Do filme clássico ao rap, da oficina de restauro à peça de teatro, da dança aos jogos de RPG, tudo é possível neste espaço acolhedor e generoso.

Esta biblioteca, considerada umas das principais do país, prepare-se agora para novas aventuras. O processo de reforma, iniciado no final de 2016, proporcionará um espaço ainda mais agradável e possibilitará a criação de projetos. Em breve, no renovado auditório, iniciaremos sessões diárias de cinema. E muitas novidades estão previstas. A modernização é um passo decisivo na trajetória desta instituição que preserva a memória e a história do Paraná. Acreditamos que ao reformar uma biblioteca, estamos ajudando no fortalecimento da cidadania, abrindo novas oportunidades, oferecendo um refúgio neste mundo tão agitado e apressado e, muitas vezes, arredio ao silêncio e à contemplação. Mesmo no centro de Curitiba, com a correria natural das grandes cidades, a BPP aproxima-se do paraíso sonhado por Borges na clássica frase: “Sempre imaginei o paraíso como uma espécie de biblioteca”.

Talvez uma biblioteca não seja um paraíso (este território idílico e perfeito), mas é seguramente um refúgio a todos que buscam se interrogar sobre si mesmo e sobre o mundo que nos rodeia. Como diz a poeta polonesa Wislawa Szymborska: “O abismo não nos divide. O abismo nos cerca”. E para tentar entender este abismo, nada melhor que percorrer os corredores e estantes de uma biblioteca. ■

Rogério Pereira, jornalista e escritor, é diretor da Biblioteca Pública do Paraná desde janeiro de 2011.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:
Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação

Programação visual:
thapcom.com

Colaboradores desta edição:
Affonso Romano de Sant'Anna, Ana Martins Marques, Andrey Luna Giron, Antonio Dias, Bruno Cobalchini Mattos, Elisandro Dalcin, Fabiano Vianna, Luci Collin, Mariana Sanchez, Orlando Azevedo, Raro de Oliveira, Ronaldo Correia de Brito, Simon Taylor e Thiago Salcedo.

Redação:
jornalcandido@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o *Cândido* pela internet:
candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

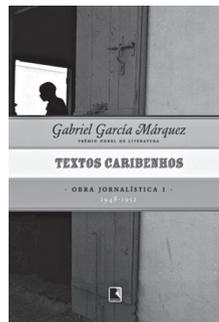
O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

TEXTOS CARIBENHOS (Record, 2006)

Primeiro de uma série de cinco volumes (trata-se da reunião da obra jornalística de Gabriel García Márquez), *Textos caribenhos* reúne artigos que o autor colombiano publicou na imprensa entre 1948 e 1952. Naquele período, Márquez (1927-2014) já misturava elementos da realidade da Colômbia com a sua imaginação, o que ele levaria ao extremo em futuras obras, como *Cem anos de solidão*, um clássico com meio século de repercussão. Márquez sempre foi um observador atento, a exemplo do que revelam alguns de seus textos iniciais, como “Cidades com barcos”: “Há cidades com barcos e cidades sem barcos. É a única divisão admissível, a única diferença verdadeiramente essencial”.



LÍRICO RENITENTE (7Letras, 2000/2012)

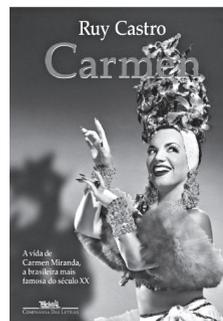
Professor de literatura na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o curitibano Marcelo Sandmann estreou com *Lírico renitente*, livro em que apresenta algumas de suas influências, seja por meio de epígrafes ou da citação direta e mesmo indireta de obras e autores.

Destaque para “Daltonianas”, poema em que dialoga com o imaginário de Dalton Trevisan, sobretudo no primeiro fragmento: “Deu pra beber depois de velha:/ louça suja rolando na mesa,/ pinga na caneca de café”. Outro poema que merece atenção é “Leminskiana”, um tributo a Paulo Leminski: “meio op meio pop/ meio/ vladimir propp/ ao fim & ao cabo/ ops!/ muito rock’n’rollmops”.



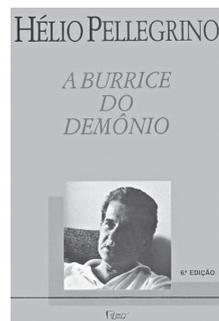
CARMEN: UMA BIOGRAFIA (Companhia das Letras, 2005)

Ruy Castro venceu dois prêmio Jabutis com esta que é considerada a maior biografia de um artista já publicada no país. Ao longo de quase 650 páginas, o jornalista não só narra a trajetória de Carmen Miranda como também reconstitui o Rio de Janeiro dos anos 1920 e 1930 e o cenário artístico de Nova York e Los Angeles das duas décadas seguintes. Outro destaque do livro é a disposição do autor em desmistificar certas passagens da vida da cantora — como, por exemplo, sua ligação com a “política de boa vizinhança” entre os EUA e a América Latina e a famosa vaia que ela teria levado no Cassino da Urca após voltar da primeira temporada americana.



A BURRICE DO DEMÔNIO (Rocco, 1988)

Psicanalista, escritor e poeta, o mineiro Hélio Pellegrino (1924 — 1988) ficou conhecido por sua militância de esquerda e pelos artigos que publicou na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*. Lançado pouco depois de sua morte, *A burrice do demônio* é justamente um apanhado dessa produção, com foco nos últimos seis anos de vida do autor. São 59 textos sobre política, religião, amor, arte, Cristo, Marx, Freud e, acima de tudo, liberdade (segundo ele, “o centro da condição humana”). Sua maior qualidade, no entanto, é uma característica cada vez mais rara no debate público: a ponderação — o que tornaria Pellegrino um pensador inviável em 2017.



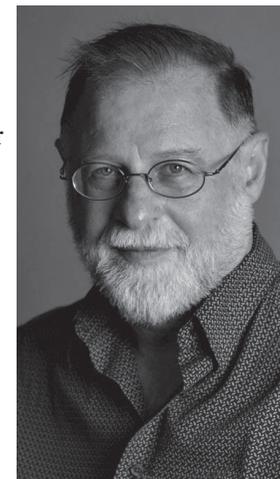
CURTAS DA BPP

Ruy Castro e Alberto Manguel na BPP

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) promove uma programação especial neste mês de março, em que completa 160 anos (leia mais na reportagem da página 6). As comemorações começam no dia 7, com uma apresentação musical no hall térreo, durante a tarde, e a participação de **Ruy Castro** no projeto Um Escritor na Biblioteca. Primeiro convidado do ano da série de encontros, ele conversa com o público a partir das 19h30, em um evento que também marca a reabertura do auditório, agora totalmente reformulado. Jornalista e biógrafo, Castro é autor, entre outros, de *O anjo pornográfico — A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e *Carmen: Uma biografia — A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX* (2005).



No dia 25, o escritor argentino **Alberto Manguel** participa de um bate-papo a partir das 11h, no auditório. Diretor da Biblioteca Nacional Argentina, em Buenos Aires, ele é autor de vários ensaios sobre livro e leitura — entre eles *No bosque do espelho* (2000) e *Uma história da leitura* (1997) — e obras de ficção como *Stevenson sob as palmeiras* (2000) e *O amante detalhista* (2005). Em entrevista exclusiva ao **Cândido**, ele fala sobre sua experiência à frente da instituição e do futuro do livro e das bibliotecas. Leia na página 16.





ASSOMBRAÇÃO DE CARNAVAL



Ninguém mais alude à porta sul do Recife, antiga entrada da cidade para quem viesse do continente. Os lugares mudam seus nomes, são esquecidos e naturalmente apagados da história, sofrem demolições ou se transformam por conta de reformas, quase sempre equivocadas. A Casa de Badia, no Pátio do Terço, foi erguida num espaço onde se presenciou a resistência à presença holandesa, o assassinato de Frei Caneca, os movimentos abolicionistas e os avanços da *Belle Époque*, que tantos estragos causou nas fachadas dos sobrados e na vida de nossa gente. Assimilou-se definitivamente a cultura ocidental, tornando irreconhecível o que no começo era apenas uma ilha estreita, “metade roubada ao mar, metade à imaginação”, como escreveu o poeta Carlos Pena Filho, brotada entre águas de rio e oceano, onde pescadores e navegantes se arranchavam. Não desejo lembrar a cidade Maurícia, que num curto tempo de 24 anos se abriu ao comércio, ficou cosmopolita, falava vários idiomas da Europa e de outros lugares do mundo, ganhou prédios, pontes e saneamento, conheceu relativa liberdade de culto, recebeu judeus que fundaram a primeira sinagoga das Américas e viviam fora de guetos ou judiarias. Nem falar do Recife inventado por Gilberto Freyre, Joaquim Cardoso e Ariano Suassuna. Minha paquera sempre foi com o Recife caribenho, carnavalesco, dos cultos afros, um quilombo urbano sobrevivendo à desigualdade social, ao preconceito e à repressão.

Foi na casa de Maria de Lourdes da Silva que eu vi. Até morrer, Badia costurou para clubes, blocos, troças e escolas de samba do carnaval recifense e recebeu agremiações em sua casa, nos dias de festa. O Pátio do Terço concentrou a maior população negra da cidade, até a década de quarenta do século pas-

sado, tornando-se um polo irradiante da cultura e religião das nações africanas.

Vi mesmo ou apenas sonhei? Lembro de ter encostado o flabelo em forma de máscara, numa das paredes altas da casa, o telhado a perder de vista. Sentia-me exausto após percorrer ruas e becos à frente do bloco, carregando o abre alas que eu mesmo havia criado. Na época, não conhecia a mulher que franqueava suas portas ao Bloco da Saudade, ofertando mesa de frutas tropicais, água, refrescos, mungunzá, cocadas e bolos. Tudo de que os brincantes mais precisavam para recompor as forças gastas no desfile pelos bairros do Recife, Santo Antônio e São José.

— Essa é Badia, me falaram, quando ela passou com uma bandeja.

— Ah!, exclamei.

Olhei curioso a mulher num vestido estampado, recebendo os desconhecidos com a nobreza de uma grande dama. A casa velha ameaçava ruir, soterrando seu bocado de história. Havíamos entrado pelos fundos, numa espécie de pátio coberto ou terreiro. Imaginei que ali dentro se celebravam os orixás e, um pouco mais adiante, na Igreja de Nossa Senhora do Terço, os santos do catolicismo.

— Posso entrar na casa?, perguntei ao diretor do bloco.

— Acho melhor, não.

Se ele tivesse insistido para que eu entrasse, desvelando portas, cômodos e os mistérios que eu imaginava existirem lá dentro, em meio às relíquias de uma África salva do cativo, talvez eu me contivesse entre fatias de abacaxi e bananas, risadas bêbadas e acordes arrancados de bandolins e violões. Mas, a proibição me aguçava os sentidos, me empurrando à procura de experiências novas.

— Essa era a casa das tias Sinhá e Yayá, aonde Badia chegou recém-nascida, em 1915, trazida pelas duas pretas.

Cochichou em meu ouvido o diretor, que arranjava a recepção a troco de nada.

— Sei, disse balançando a cabeça em sinal afirmativo, com vergonha de confessar minha ignorância sobre a história da cidade.

Pedi licença para me servir, rodeei a mesa e, sorrateiro, invadi o espaço sagrado da casa.

Havia um corredor comprido, com estandartes e retratos emoldurados nas paredes, cadeiras capengas, portas e janelas semicerradas, interditando os olhares curiosos. Empurrei uma banda de janela e descobri dois meninos, um branco e um negro, deitados. Aparentavam nove meses. Gordos e risonhos, se debatiam na cama, em meio aos lençóis. Achei que fossem gêmeos, apesar das cores diferentes de suas peles. Fiquei um tempo contemplando a aparição. Quem largara dois bebês desprotegidos, ao léu da casa velha? Eles pareciam tão brincalhões e travessos, e tinham pregado uma bela peça no folião bisbilhoteiro. Envergonhado, botei para rir e saí de mansinho. Desejava esquecer o assombro. Não havia álcool em minha pneuma, nada que me condenasse num teste de bafômetro ou fizesse imaginar que eu tivera uma alucinação.

Emburaquei casa adentro. Filtrados pelas paredes grossas, sons de marcha anunciavam que o bloco estava de partida. Pensei em retornar ao pátio, mas fora contaminado pelo desejo de vasculhar estranhezas. Mais estandartes e retratos antigos, precariamente iluminados por lâmpadas incandescentes, de poucos watts. Escutei vozes sussurradas e risinhos. Caminhei na direção de uma saleta e vi três mulheres em volta de uma mesinha redonda e de uma garrafa de cachaça. Bebiem em pequenos copos. Negras e velhas, elas vestiam blusas e saias longas, semelhando os trajés

das mães de santo.

Olharam para mim sem surpresa.

— Quer?, me ofereceram a bebida

— Obrigado, mas não bebo cachaça.

As três riram do meu acanhamento. Uma delas comentou:

— Você não sabe o que perde.

Sei que perco nuances de um Recife de belezas e armadilhas. Ao invés de abrir-me ao vento das marés e dos muros, fecho-me a maior parte do tempo.

— Quem são os dois meninos na cama?, perguntei.

— Ah! Os meninos.

— O senhor viu?

— Vi.

Elas gargalharam alto e entornaram a bebida goela abaixo.

— Se o senhor viu é porque nem tudo está perdido.

E beberam mais cachaça, muitas talagadas, rindo descaradas do meu rosto surpreso, sem alcance para a felicidade que elas sentiam. ■

 **Simon Taylor** é desenhista, designer gráfico e diretor da Ctrl S Comunicação. Nascido em Curitiba em 1974, trabalha em jornais paranaenses desde 1996. É autor dos livros *Charge agora... ou cale-se para sempre!* (2013), *Meus casos de sucesso* (2014) e *Sketchers do Brasil* (2016). É vencedor de diversos prêmios Sangue Bom do Jornalismo Paranaense. Vive em Curitiba.

 **Ronaldo Correia de Brito** é escritor e médico, nasceu em Saboeiro (CE). Foi escritor residente da Universidade de Berkley (Califórnia), participou de diversos eventos internacionais, como a Feira do Livro de Bogotá, o Festival Internacional de Literatura de Buenos Aires, o Salon du Livre de Paris e a Feira do Livro de Frankfurt. É autor, entre outros, dos livros de contos *Faca* (2003) e *O amor das sombras* (2015) e do romance *Galileia* (2008), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura. Vive no Recife (PE).

BPP 160 ANOS | REPORTAGEM

Kraw Penas





Uma história de CULTURA

Obras de modernização marcam os 160 anos da Biblioteca Pública do Paraná, que se consolida como um centro cultural de programação diversificada — com encontros literários, oficinas e apresentações artísticas, ultrapassando o conceito de mero espaço de empréstimo de livros

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Uma das instituições culturais mais antigas e importantes do Estado, a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) comemora — no dia 7 de março — 160 anos. A data é celebrada com um amplo projeto de modernização. O auditório está totalmente reformado, da iluminação à acústica, incluindo sistema de climatização, novas poltronas e acesso ao palco para cadeirantes. Os banheiros do térreo também foram reformados com acessibilidade. A Seção de Inscrição e Empréstimo muda de local e dá espaço a um café. O hall do segundo andar conta com novo mobiliário no espaço tradicionalmente frequentado por jogadores de xadrez e usuários que consultam os jornais diários. Algumas salas estão remanejadas, e até o espaço de guarda-volumes está otimizado.



BPP 160 ANOS | REPORTAGEM

Fábio Santiago Costa

O secretário de Estado da Cultura, João Luiz Fiani, ressaltava que a Biblioteca Pública do Paraná é referência e está entre as mais tradicionais do Brasil. “Com as obras de modernização, temos uma biblioteca ainda mais preparada para receber a população paranaense e continuar seu trabalho de excelência no atendimento ao público”, diz.

A assessora técnica da BPP, Vilma Nascimento Gural, explica que esta é apenas a primeira etapa das reformas de modernização da Biblioteca. As obras foram viabilizadas com recursos da Renault, o que também proporcionou a aquisição de cerca de 5 mil novos livros para o acervo.

O arquiteto Manoel Coelho, responsável pelo projeto de revitalização, diz ser um admirador do prédio de 8,5 mil metros quadrados onde, desde 1954, está instalada a Biblioteca — esta é a décima terceira sede. “Sou fã deste magnífico projeto do engenheiro Romeu Paulo da Costa [1924-2014]”, afirma, acrescentando que nesta revitalização não houve nenhuma interferência na estrutura. “No entanto, alguns espaços bastante amplos estavam subvalorizados. Fizemos um rearranjo das salas e viabilizamos a acessibilidade”, acrescenta o arquiteto.

Coelho comenta que as obras de modernização tendem a facilitar ainda mais o fluxo das cerca de 3 mil pessoas que diariamente circulam pela Biblioteca. Além dos empréstimos de livros — cerca de 1,5 mil por dia —, desde 2011 a BPP também passou a oferecer ao público uma diversificada programação cultural.

Muito além dos livros

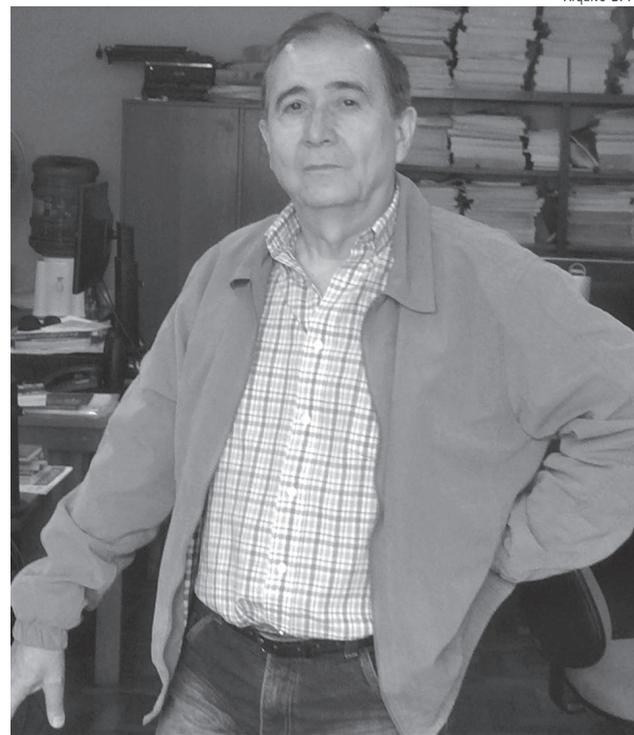
José Marins, 64 anos, paranaense de Jandaia do Sul, é um exemplo de quem encontra na BPP bem mais do que um acervo de livros. Na década de 1970 ele se mudou para Curitiba e, desde então, frequenta quase diariamente a Biblioteca. Participou de projetos implementados recentemente, incluindo duas oficinas de criação literária — uma de romance, ministrada por Luiz

Arthur H. Recchia [óculos], de 10 anos, durante uma edição do Sábado Lúdico na Seção Infantil.



Arquivo BPP

“Quando vim para Curitiba, um dos meus primeiros encantamentos foi a BPP. Pensei até em viver aqui dentro. Mas tinha de trabalhar e estudar”, afirma José Marins.



• DECRETO DE 1857 CRIA A BIBLIOTECA PÚBLICA.

• 7 DE MARÇO DE 1857 José Antônio Vaz de Carvalhães, vice-presidente da província do Paraná, inaugura a Bibliotheca Pública de Curitiba, anexa ao Lyceo de Coritiba — na antiga Rua da Ladeira, atual Dr. Muricy.



Ruffato, e outra de contos, coordenada por Cintia Moscovich.

Também esteve em algumas edições do projeto Um Escritor na Biblioteca, proposta da década de 1980 retomada em 2011, em que a cada encontro um convidado fala sobre bibliotecas, livro, leitura e processos criativos, entre outros assuntos — Marins acompanhou a participação de Milton Hatoum, Joca Terron, Domingos Pellegrini, Luiz Vilela, João Gilberto Noll, Ignácio de Loyola Brandão e Bernardo Carvalho.

“A Biblioteca é uma extensão da minha casa. Tenho 5 mil livros em meu acervo, mas preciso frequentar a BPP e estar neste ambiente cultural”, conta Marins, psicólogo clínico e autor, entre outros, dos livros *Fazendo o dia* (poemas, 1985) e *Poezen* (haicais, 1985). Recentemente, ele tem emprestado livros de psicanálise na Biblioteca, mas nunca deixa de levar alguns de ficção.

“A minha infância foi um sofrimento por não ter livros em casa, apesar de a minha mãe ter sido professora. Quando vim para Curitiba, um dos meus primeiros encantamentos foi com a BPP. Pensei até em viver aqui dentro, mas tinha de trabalhar e estudar”, comenta o psicólogo, que considera a leitura uma das atividades fundamentais de sua vida.

Referência no atendimento a pessoas com deficiência visual

Em atividade desde 1974, a Seção Braille da BPP oferece atendimento a pessoas com deficiência visual. No acervo, há 30 mil livros digitalizados (para a audição por meio de sintetizadores de voz), 4 mil livros falados (gravados em áudio no formato de CD), 3 mil livros em Braille e cerca de 60 filmes com audiodescrição.

A Seção disponibiliza periódicos (revistas, boletins e folhetos), tocadores de MP3 e fones de ouvido, equipamentos de som, CDs, jogos adaptados, equipamentos para escrita e cálculo, máquinas de datilografia Braille, regletes, punções, sorobãs e equipamentos para ampliação de imagens e textos, além de computadores com sintetizadores de voz que possibilitam a audição do que está escrito na tela. Devido à excelência da Seção Braille, em 2013 a BPP foi — ao lado de apenas outras nove instituições brasileiras — selecionada para o Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas, iniciativa da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) do Ministério da Cultura (MinC), em parceria com o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). As ações, sob responsabilidade da OSCIP Mais Diferenças, incluíram capacitação

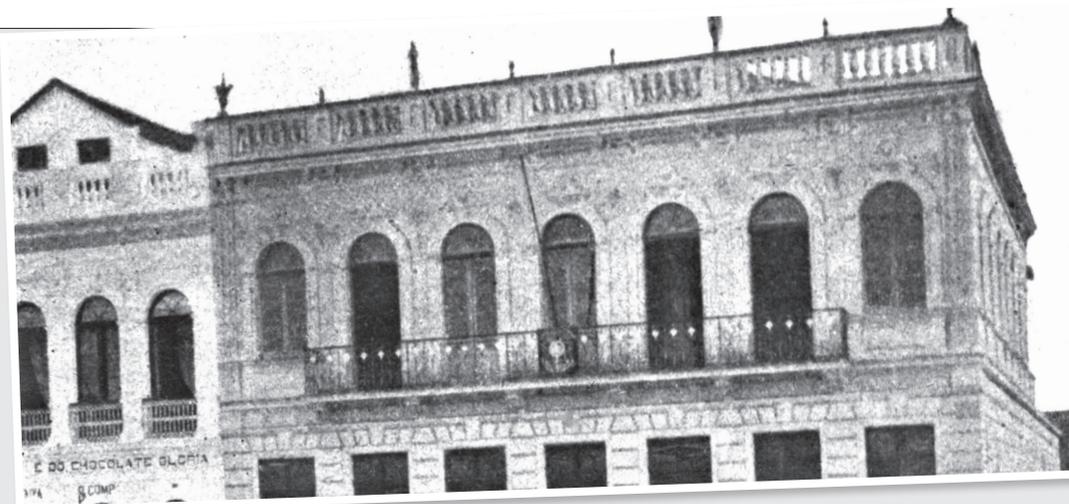


por meio do curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) Módulo Instrumental, cursos, oficinas e ações sobre a temática do livro e da leitura acessível a todas as deficiências. Além disso, a BPP recebeu equipamentos de tecnologia assistiva, entre os quais impressoras Braille, linhas Braille (transformam, em tempo real, texto do computador para Braille), lupa eletrônica (amplia as letras e projeta o texto impresso para quem tem baixa visão e/ou idosos), teclado adaptado para pessoa com deficiência, filmes com audiodescrição e *scanner* com voz (o equipamento registra e transforma texto em voz). Também foi viabilizada, entre outras atividades, a oficina “Treinamento sobre Equipamentos de Tecnologia Assistiva”, com carga de 16 horas e a finalidade de capacitar a equipe da Seção Braille e outros funcionários e colaboradores da BPP.

Colaborador da BPP desde 1998, Anastácio Braga, 64 anos, perdeu a visão aos 25 anos, é pedagogo com pós-graduação e está à frente dos cursos de alfabeto Braille e soroban. Ele diz que a seção consegue atender demandas de todo o Estado e destaca, entre os serviços oferecidos à população, o curso de fotografia para deficiente visuais, ministrado por Juliana Stein [foto].

• 25 DE MARÇO DE 1886

A Biblioteca Pública deixa de carregar o nome Curitiba e passa a se chamar Biblioteca Pública do Paraná.



• 13 DE FEVEREIRO DE 1893

É autorizada a mudança de sede da BPP. Ela se transfere para o prédio em que funcionava a Câmara Municipal, na Praça Tiradentes. É a quarta sede da instituição (1893-1894).

Tem criança na plateia

Arthur H. Recchia, de 10 anos, estava na Seção Infantil na manhã de 28 de janeiro deste ano, ocasião em que foi realizada a primeira edição de 2017 do Sábado Lúdico, atividade de jogos de tabuleiro e de cartas desenvolvida em parceria com o grupo de RPG da Biblioteca. Ele gostou da proposta e pretende frequentar a BPP em 2017. “Não sabia que aqui são oferecidas atividades tão interessantes”, comenta.

A Seção Infantil, de fato, mantém intensa programação, como a Hora do Conto (sessões diárias de contação de histórias) e os projetos Aventuras Literárias, Aventuras Musicais e Aven-

turas Teatrais — em que, respectivamente, escritores, músicos e grupos de teatro aproximam os públicos infantil e infantojuvenil da leitura.

A chefe da Divisão de Coleções Especiais, Lidiâmara Gross, informa que no dia 20 de março, data em que se comemora o dia do contador de histórias, será realizado na Biblioteca o 1º Encontros de História da BPP — em parceria com o Fato / Centro Educacional. A contação de histórias é uma atividade constante na Infantil — desde 2009, a seção mantém o grupo Era uma vez, que realiza a Hora do Conto e oficinas não apenas para crianças, mas também para mediadores de leitura e professores.



Kraw Penas



Luis Izalberti

Outras ações implementadas na BPP

- Criação do jornal **Cândido**, do novo site e das redes sociais da BPP
- Ampliação da rede lógica e elétrica
- Publicação do gibi *Boing*
- Implantação da rede WIFI
- Criação do Prêmio Paraná de Literatura
- Aquisição de 100 microcomputadores e quatro notebooks
- Implantação do projeto Música na Biblioteca
- Fundação do Núcleo de Edições, por meio do qual foram editados mais de 20 livros pelo selo Biblioteca Paraná, a Revista *Helena* e as obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura [foto acima]
- Fechamento das laterais do prédio, aumentando o espaço da BPP
- Criação do Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL)
- Pintura externa da Biblioteca em parceria com a Tintas Coral e com o apoio da Sanepar e da Compagas
- Cursos de teatro e histórias em quadrinhos para crianças
- Parceria com o SESC-PR na curadoria das exposições
- Criação do Coral da BPP, o Cantateca [foto ao lado]
- Realização do Piquenique literário
- Projeto Uma Noite na Biblioteca, estendido ao município de Campina Grande do Sul (na Região Metropolitana de Curitiba) e à sucursal de Paranaguá
- Realização do projeto Um Escritor na Fronteira em parceria com a Itaipu Binacional

• 1904

Sétima sede da BPP, no novo prédio do Ginásio Paranaense, na Rua Ébano Pereira.



Kraw Penas

Lidiamara acompanhou as transformações na BPP. Começou a trabalhar na Divisão de Documentação Paranaense em 2001, atuou no então recém-criado Escritório de Direitos Autorais (parceria técnica com a Fundação Biblioteca Nacional que viabiliza o registro de obras), onde permaneceu até 2008. Migrou para a Infantil e, em 2011, assumiu a chefia da Divisão de Coleções Especiais — responsável pelas seções Infantil, Multimeios, Braille, Obras Raras, Gibiteca e Auditório. “Eu estava cursando Jornalismo, mas quando vim trabalhar aqui decidi estudar Biblioteconomia. Gosto da Biblioteca, espaço cultural rico em memória, referência nas áreas do conhecimento”, diz.

Em 2012, a Seção Infantil foi revitalizada por meio de uma parceria com o Grupo Dom Bosco. Na ocasião, o espaço recebeu pintura, plotagem de desenhos nas paredes, novo mobiliário, tapete e palco para o espaço da Hora do Conto, além de repaginação do telecentro infantil. E as modificações não passaram despercebidas pelos frequentadores.

Analista de atividades culturais da Fundação Cultural de Curitiba (FCC), Mariane Filipak Torres frequenta a BPP desde a década de 1980, quando era estudante. Agora, faz questão que os filhos frequentem a Bibliote-

Oficina de Criação Literária com Sérgio Vilas-Boas e, abaixo, Flores dispersas, montagem da Cia. Laurinha Produções sobre a vida e a obra da poeta Júlia Costa, encenada no auditório da BPP.



Lina Faria



“ A BPP é uma biblioteca pública amada e respeitada pela preocupação de irradiar conhecimento. Nos 160 anos da instituição, registro aplausos e eterno carinho por toda essa equipe que sempre trabalhou exemplarmente e continua a nos ensinar o caminho ideal para se acreditar num novo país!”.

Lygia Dias de Toledo, diretora-executiva da Associação de Amigos da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora (MG).

• 30 DE JUNHO DE 1930

A BPP é transferida para o edifício do Museu Paranaense, no Palacete Macedo, situado na Rua Buenos Aires, 200, esquina com a Rua Benjamin Lins. Sebastião Paraná é o diretor à época.



ca. Gabriel, 14 anos, participou do curso de HQ e Luiza, 11 anos, fez aulas de teatro — atividades desenvolvidas pela Seção Infantil. “Sou uma admiradora da instituição”, afirma Mariane.

Quem tem uma relação com a BPP similar a de Mariane é a atriz e produtora cultural Greice Barros. “Frequento a Biblioteca desde minha adolescência, quando me reunia com colegas para fazer trabalhos que exigiam pesquisa”, conta. As filhas dela, Mainu, 12 anos, e Iyamí, 10 anos, participam do curso de desenho e do Coral Cantateca. “Essas atividades ofertadas para o público infantil fazem a diferença na formação dos pequenos cidadãos, não apenas por serem sensibilizados pela arte, mas pelo fato de eles ocuparem um espaço público, sadio e cheio possibilidade de troca e conhecimento”, comenta Greice.

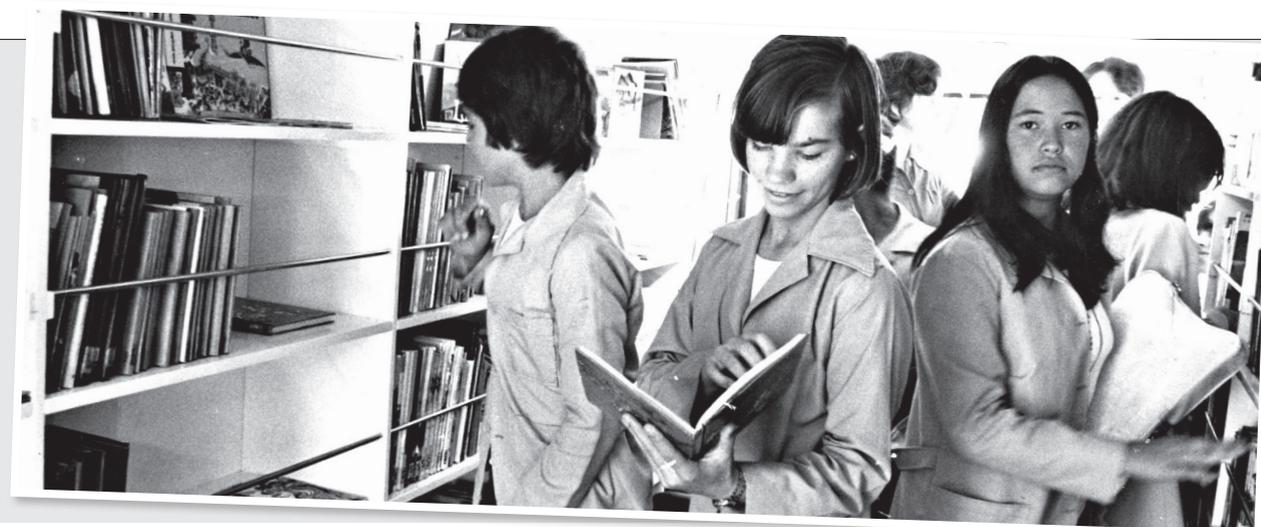
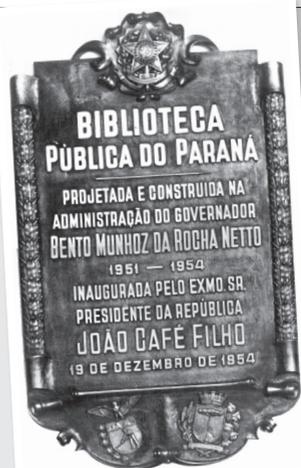
Diálogo com o interior

As ações da BPP ultrapassam os limites da sede em Curitiba. Há um diálogo permanente com as 484 bibliotecas públicas municipais do Estado, principalmente por meio da Divisão de Extensão — que, entre outras atividades, é responsável pelas operações do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Paraná. O Sistema existe desde 24 de julho de 1992 e viabiliza de as-



• 19 DE
DEZEMBRO
DE 1954

É inaugurada
a sede própria
da BPP na
Rua Cândido
Lopes, 133.



O acervo da BPP ultrapassa os 700 mil volumes e o local onde há mais itens é a Sala de Literatura, no térreo, com 46.152 livros e 76.648 exemplares.

essoramento técnico a repasse de livros. “É fundamental oferecer suporte às bibliotecas públicas do Estado, para que elas ofereçam à população serviços de acesso à leitura, à informação e aos registros da expressão cultural e intelectual em sua diversidade e pluralidade”, diz a chefe do setor, Marta Sienna.

Coordenadora da Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei, de Ponta Grossa, Gisele Aparecida França afirma que a parceria com a BPP foi fundamental para transformar a biblioteca dos Campos Gerais, inaugurada em 2012, em uma das mais bem equipadas do país. A BPP viabilizou para a unidade ponta-grossense cursos, material para acervo e, principalmente, o acesso ao sistema Pergamum — software que viabiliza o compartilhamento de informações entre as bibliotecas integradas. “A BPP foi uma mãe para nós”, diz Gisele.

A responsável pela Biblioteca Pública Municipal Prof. Egydio Martello, de Campo Mourão, Mara Cristina dos Santos Oliveira, também destaca o apoio da Divisão de Extensão como decisivo para o desenvolvimento do espaço cultural situado na região Centro-Oeste do Estado. “O repasse de livros para nossa biblioteca tem contribuído para o enriquecimento do acervo, em especial as obras paranaen-

“ Fiquei encantada com a arquitetura, os profissionais e com os serviços que a BPP oferece à comunidade. A Biblioteca Pública de Paraná é uma referência nacional.”

Maria Aparecida de Lavor, gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Ceará.

ses. Por inspiração da estrutura organizacional da Biblioteca Pública, nos motivamos a criar aqui nosso próprio Espaço Paraná. Nossa organização interna e setorial dos serviços também tem por base o organograma da Biblioteca Pública”, diz Mara.

A funcionária que há mais tempo trabalha na BPP, Bernadete T. de Oliveira, atua na Divisão de Extensão. Formou-se em Biblioteconomia em 1971 e entrou na Biblioteca no dia 26 de julho de 1974 — começou na Divisão Infantil e Educação, posteriormente renomeada Seção Infantil. Bernadete conta que desde menina sonhou em trabalhar na Biblioteca porque observava os ônibus da Divisão de Extensão levando livros pela cidade. Mas apenas em 1992 ingressou na Extensão, onde está até hoje. “O que me motiva é ajudar as pessoas. Eu via aqueles ônibus da Biblioteca na década de 1960 indo até as pessoas, era a Extensão que fazia o serviço. Consegui trabalhar justamente nesse setor. Realizei o meu sonho, acredito em destino”, afirma.

A memória do Estado

Já Teresinha Steffens, coordenadora da Biblioteca Pública Cidadã Professora Marlene Alenbrant (em Maripá, na região Oeste), considera a Divisão de Documentação Paranaense um tesouro

• DÉCADA DE 1960

Veículo da BPP circula pelos bairros de Curitiba levando livros à população.



da BPP. Quando visita Curitiba, Terezinha faz questão de circular pela Biblioteca, especialmente na Paranaense. “Tem obras antigas e um arquivo completo sobre a História do Paraná. É um espaço de muita importância”, comenta.

O chefe da Divisão de Documentação Paranaense, Canísio Miguel Morch, endossa o depoimento de Terezinha. “O nosso acervo é único. Não há outro espaço onde se preserve tanta informação sobre o Paraná.” Morch está na BPP desde 1979. Foi estagiário, cursou Biblioteconomia e atuou em outras seções até que, a partir da década de 1990, passou a trabalhar na Divisão que preserva a memória do Estado.

Na Paranaense há revistas, jornais, livros, mapas, fotos, cartões postais e outros itens que dizem respeito ao Paraná. O usuário não pode levar para casa nenhum dos conteúdos, apenas fazer consulta no local. Seu público é formado por pesquisadores, estudiosos e pessoas que diariamente buscam informações sobre algum aspecto da História do Estado.

O gerente da tradicional Confeitaria das Famílias, Ederson Tadeu Adancheski, passou algumas tardes na Paranaense em busca de imagens antigas da empresa para uma confirmação de dados. Procurou recortes de jornais nas pastas de confeitarias e na da Rua



Abertura da exposição fotográfica *Periscópio urbano*, de Daniel Castellano, no hall térreo da BPP.

XV, onde a loja funciona. “Isso aqui é um tesouro. A Paranaense tem informações que não estão disponíveis na internet”, observa Adancheski.

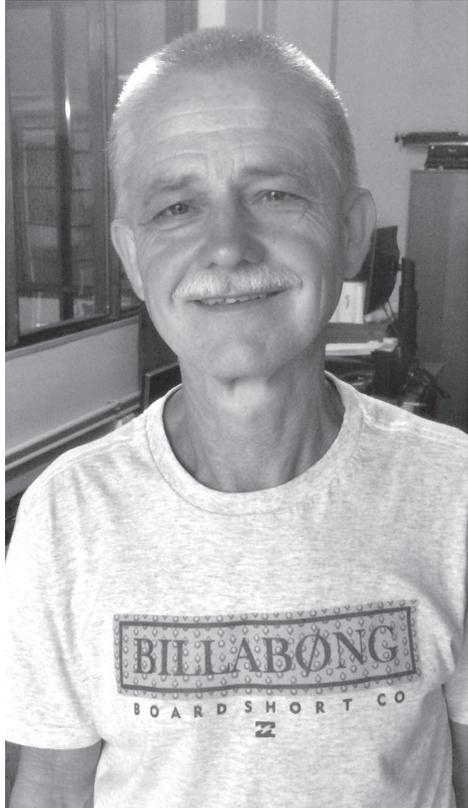
O chefe da Divisão de Documentação Paranaense comenta que o espaço guarda livros sobre os períodos da História do Estado, obras literárias de praticamente todos os autores nascidos ou radicados no Paraná, 890 títulos de jornais paranaenses e, entre outras preciosidades, o jornal *Dezenove de Dezembro*, que teve a primeira edição publicada no dia 1.º de abril de 1854, circulando por uma década — o marco zero da imprensa local.

• 18 DE DEZEMBRO DE 2003

O edifício da Biblioteca Pública é tombado, dentro da programação alusiva ao Sesquicentenário da Emancipação Política do Paraná, como Patrimônio Estadual.



Arquivo BPP



“Sou um leitor compulsivo. Preciso ler. A leitura faz parte de minha vida”, diz Sérgio Loes.

Alexandra Scotti define a BPP como um oásis cultural em meio ao comércio, à poluição sonora e ao caos do centro da cidade.

Arquivo BPP



Vida e leitura

O acervo da BPP ultrapassa os 700 mil volumes e o local onde há mais itens é a Sala de Literatura, no térreo, com 46.152 livros e 76.648 exemplares. Donizete Soares D’Assunção, 61 anos, é um dos usuários que mais frequentam o local. No ano passado, ele emprestou 182 livros, em 2015, 249 títulos, e em 2014, 108. “Sempre gostei de ler, desde menino já era apaixonado por gibis”, conta. D’Assunção nasceu em Guaraci, região Norte do Paraná, viveu em outras cidades e fixou residência na capital na década de 1970. Diz aproveitar todo o tempo livre com leitura, seja com livros de Sidney Sheldon ou Michel Houellebecq.

Sérgio Loes, 58 anos, é outra presença constante na Sala de Literatura. Ele prefere livros com mais de 250 páginas e, levando em consideração o que-

sito, costuma emprestar romances de Agatha Christie, João Ubaldo Ribeiro e Machado de Assis. Catarinense de Indaial, Loes frequenta a BPP desde 1998. “Sou um leitor compulsivo. Preciso ler. A leitura faz parte de minha vida”, confessa. No ano passado emprestou 109 livros na Biblioteca, pouco menos que os 132 que levou para ler em casa em 2015, enquanto que em 2014 foram 144 títulos. “Gosto de vivenciar a leitura, como se estivesse no enredo”, acrescenta.

Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Alexandra Scotti já emprestou diversos livros na BPP, de romances de Clarice Lispector a obras de dramaturgia — neste caso, durante 2011 a 2014, período em que frequentou um curso técnico profissionalizante em teatro. Mas, independentemente dos cursos, Alexandra é cantora.

Em 2012, ela realizou a primeira apresentação de um tributo a Gal Costa no projeto Música na Biblioteca, no hall térreo da BPP. “Tive certeza de que a proposta seria viável diante da reação das pessoas que presenciaram a minha apresentação na Biblioteca”, afirma. Em 2015, registrou em CD as canções que interpreta da cantora baiana. “A oportunidade que a Biblioteca me deu resultou neste álbum.”

Alexandra define a BPP como um oásis cultural em meio ao comércio, à poluição sonora e ao caos do centro da cidade. “Não é apenas um espaço onde é possível emprestar e consultar livros. É um local onde há uma energia especial. E o silêncio é de respeito”, comenta, observando ainda que “se as pessoas entrassem na Biblioteca todo dia, mesmo que por meia hora, teriam mais qualidade de vida em meio a um cenário inspirador”. ■

• 2013

A Biblioteca Pública Mário Lobo (BPML), localizada em Paranaguá, iniciou suas atividades em agosto. Primeira sucursal da Biblioteca Pública do Paraná no Estado, a BPML foi instalada em um edifício histórico, que até 2007 abrigava a Santa Casa da cidade.





Uma vida entre livros

O escritor argentino Alberto Manguel fala da leitura como experiência primordial, lança críticas à internet e reflete sobre os desafios de dirigir a principal biblioteca de seu país, que já esteve a cargo de Jorge Luis Borges

MARIANA SANCHEZ



Convidado da série de eventos que marcam os 160 anos da Biblioteca Pública (onde apresenta uma palestra aberta ao público no dia 25), Alberto Manguel afirma que tomou “consciência do mundo” por meio dos livros. Mas a verdade é que conhece ambos — os livros e o mundo. Filho de embaixador, foi alfabetizado em alemão e inglês, passou a infância em Israel, a adolescência na Argentina e a vida adulta entre Inglaterra, Espanha, Itália, Taiti, Canadá e França.

A palavra escrita, no entanto, sempre foi seu território. Desde criança, encontrou na literatura um lugar seguro e uma companhia prazerosa, uma forma de ordenar o caos do mundo e a liberdade para imaginá-lo.

Trabalhando como livreiro, conheceu Jorges Luis Borges e se tornou seu leitor — literalmente e em voz alta — quando este ficou cego. A relação com um dos maiores escritores da América Latina inspirou Manguel a construir uma vida em torno da literatura. Inicialmente, como leitor de originais para grandes editoras europeias. Mais tarde, no papel de antologista, editor e autor de numerosas obras, entre elas *Uma história da leitura*, *A biblioteca à noite*, *No bosque do espelho*, *À mesa com o Chapeleiro Maluco* e seu título mais recente, *Uma história natural da curiosidade*.

Em meados do ano passado, deixou sua biblioteca particular no sul da França para assumir a direção de outra, pública e muitíssimo mais vasta, a Biblioteca Nacional Argentina. “Como recusar um cargo que já foi de Borges?”, justifica.

Na entrevista a seguir, Manguel fala sobre Borges, Dante, internet e o futuro do livro e das bibliotecas, entre outros assuntos. E faz uma recomendação à BPP, que completa 160 anos: “Que a Biblioteca Pública do Paraná tenha confiança em seus leitores atuais e futuros e fé para continuar sendo o símbolo essencial da sociedade que os alberga”.

Em *A biblioteca à noite* o senhor conta que sonhava em ser bibliotecário quando era adolescente. Entre este sonho e a realidade de ser o diretor da biblioteca mais importante da Argentina, como logrou viver uma vida entre livros?

Não foi uma decisão voluntária. Minha primeira consciência do mundo se deu por meio da página impressa. Minhas primeiras descobertas foram feitas através dos contos de Grimm, Andersen, Monteiro Lobato, de *As mil e uma noites*. Desde aquelas primeiras tardes, os livros nunca me abandonaram.

“É preciso ser um inventor para ler bem”, disse o filósofo Ralph Waldo Emerson. Em *À mesa com o Chapeleiro Maluco*, o senhor diz que ler não significa ser um leitor. Afinal, o que implica ser um leitor? Que fatores influem na formação de um?

Ser leitor implica reconhecer que é. Ou seja, implica saber que um livro está nos esperando para colocar em palavras nossas curiosidades, dúvidas e paixões. Que um livro está destinado a nós, a cada um de nós em particular. E, para que esta epifania aconteça, são necessários o acaso e nossa boa disposição. No meu caso, isso ocorreu sem que eu soubesse, mas um dia soube que era leitor. E desde então esta condição me define.

O senhor conhece bibliotecas do mundo todo e é um especialista no assunto. Entre as tantas que conheceu — pessoais, reais ou imaginárias —, quais foram as mais impressionantes? E por quê?

Entre as imaginárias, a biblioteca do Capitão Nemo, porque é uma das únicas definitivas. Possui 12 mil livros que são para ele seu único vínculo com a Terra. “O mundo acabou para mim no dia em que meu Náutilus submergiu nas águas pela primeira vez”, confessa o Capitão. “Naquele dia, comprei

meus últimos volumes, minhas últimas brochuras, meus últimos jornais. E desde então quero crer que a humanidade nunca mais pensou nem escreveu”, diz. Entre as bibliotecas reais, a composta por oito livros no campo de concentração para crianças de Birkenau, em Auschwitz, onde eram escondidos todas as noites para que os guardas nazistas não os encontrassem. Este é um exemplo magnífico de uma biblioteca verdadeiramente essencial.

Citando uma frase sua: “Se a biblioteca de Alexandria foi um símbolo da nossa sede de onisciência, a internet é o da nossa sede de onipresença”. Em sua opinião, quais serão os paradigmas das bibliotecas do futuro?

Tomara que nossos paradigmas futuros sejam menos absolutistas, mais modestos. Que nossas bibliotecas futuras (de obras manuscritas, impressas, digitais ou qualquer tecnologia ainda por ser inventada) sejam acima de tudo exemplares, para que possamos reconhecer nos espelhos de nossa experiência passada algum traço ou advertência do presente.

Na era digital, em que temos acesso a quase todo tipo de conteúdo e a intertextualidade nos leva de um “hexágono” a outro (para citar uma imagem borgeana), como as bibliotecas podem continuar sendo inovadoras e relevantes para a sociedade?

A internet não é o melhor exemplo de biblioteca. Se a comparamos à Biblioteca de Babel borgeana, concluiremos que é acima de tudo tão inútil quanto [Publicado pela primeira vez em 1941, o conto “A Biblioteca de Babel” trata de um acervo eterno e infinito, que abriga todos os livros possíveis. É considerado uma metáfora da Sociedade da Informação]. Creio que as bibliotecas continuarão sendo inovadoras enquanto continuarmos imaginando novos mun-

dos. E relevantes enquanto continuarmos consultando a experiência passada.

Quais são suas maiores críticas à internet?

Como a Biblioteca de Babel, ela pretende acumular tudo — não mais todas as variações das letras do alfabeto, mas qualquer ideia, piada, informação verdadeira ou falsa, devaneio ou invenção escrita por qualquer um com acesso a um computador. É claro que muitos destes textos são valiosos, mas muitos outros, não. Vimos recentemente que podem ser perniciosos. No caso das acusações contra Hillary Clinton, por exemplo. O perigo da internet não é tanto prejudicar nossa memória (por confiarmos que a máquina lembrará por nós) ou nossa curiosidade (porque podemos buscar qualquer resposta e, portanto, não refinamos nossas perguntas). O perigo é que nos dá a ilusão do conhecimento: pensamos que, por encontramos tudo na rede, este tudo nos pertence intelectualmente. Claro que não é assim: somente o que tornamos nosso, de maneira intelectual e emocionalmente profunda, nos pertence.

Há uma tendência entre as novas bibliotecas de transformar espaços de leitura em espaços de convivência. A Biblioteca 10, de Helsinque, na Finlândia, oferece digitalização de vinis, entre outros serviços, e permite a entrada de animais de estimação. Como o senhor vê esse modelo?

Bibliotecas sempre foram um lugar de atividade pública. Em Alexandria, supomos que estudiosos iam e vinham, reuniam-se para discutir os mais variados assuntos, certamente havia recitais e conferências, quem sabe até um lugar para consultas práticas do dia a dia. Em *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne, quando os explora-



BPP 160 ANOS | ENTREVISTA

dores observam que há poucos livros nas estantes de uma biblioteca pública de Reykjavik, o bibliotecário diz: “Ah, senhor Lidenbrock! Estes livros percorrem constantemente o país. Em nossa pobre ilha de gelo há um grande entusiasmo pelos estudos! Não há pescador ou agricultor que não saiba ler, e todos leem. Acreditamos que os livros, em vez de ficarem embolorando em uma estante, longe dos olhares dos curiosos, foram escritos e impressos para que todo mundo os leia. Por isso os de vossa biblioteca passam de mão em mão, são lidos uma e cem vezes, e demoram com frequência um ou dois anos para retornar às suas respectivas estantes”. Este é um verdadeiro “espaço de convivência”.

O senhor é bastante crítico com relação à sociedade de consumo, que ofuscaria o prestígio da atividade intelectual. Acredita que as bibliotecas são um contraponto necessário às megastores de livros, por exemplo?

Creio que as bibliotecas podem ser um lugar a partir do qual é possível educar o cidadão na aprendizagem de uma ética social. Uma biblioteca, sobretudo uma biblioteca nacional, pode oferecer exemplos de outros modelos sociais e de outras condutas cívicas. Em tempos de corrupção generalizada e falta de empatia, a biblioteca pode nos ensinar a nos comportar de outra maneira, através de histórias que não são as oficiais. Não sei se isso pode funcionar, mas creio que devemos tentar.

Se “toda biblioteca é autobiográfica”, o que o seu acervo pessoal (com aproximadamente 50 mil títulos) e o que dirige hoje (com cerca de 3 milhões de volumes) contam? Quais os tesouros particulares de cada um?

Da minha biblioteca, agora sepultada em um depósito distante no sul da França, diria que os livros de *Alice no país das maravilhas*, os poemas de

San Juan de la Cruz, a obra de Borges e tantos outros. Da que dirijo, as obras completas de Diderot que pertenceram ao general San Martín, o *Ulisses* de Joyce com anotações de próprio punho da poeta argentina Alejandra Pizarnik, o último livro que Borges leu em seu escritório na biblioteca antes de se aposentar... Mas se você me perguntar amanhã, a lista será outra.

E qual foi o último livro lido por Borges antes de se aposentar?

Não sei, mas sei que houve um “último livro”. De qualquer forma, o último que leu antes de morrer (na verdade, lido para ele por uma enfermeira alemã) foi *Heinrich von Ofterdingen*, de Novalis.

Por falar em Borges, este ano será publicado no Brasil seu livro *Com Borges (pela editora Áyiné)*. O que o autor de *O aleph* representa em sua formação pessoal e qual sua opinião sobre ele como diretor da Biblioteca?

Borges foi meu mestre, embora só fui sabê-lo bem mais tarde. Foi ele quem me deu licença, por assim dizer, para eu fazer o que queria: viver entre livros. Como diretor da BN foi um símbolo. Não como bibliotecário (o bibliotecário era o vice-diretor José Edmundo Clemente), mas como ícone do leitor universal, algo muito apropriado para uma biblioteca.

Recentemente, a Biblioteca Nacional realizou uma grande exposição pelos 30 anos da morte de Borges, em que foram mostrados os manuscritos de alguns de seus contos, entre eles “Pierre Menard, autor de Quixote”. Por que o senhor considera esse texto tão importante?

Penso que é o texto fundamental da literatura do século XX, porque através dele o leitor demonstra seu poder transformador. Isso certamente já foi dito antes (por Sterne, por Diderot, entre outros), mas nunca tão rotunda e cla-



Fotos: Elisandro Dalcin

“Que nossas bibliotecas futuras sejam acima de tudo exemplares, para que possamos reconhecer nos espelhos de nossa experiência passada algum traço ou advertência do presente.”

ramente. Com este texto, Borges muda o sentido do que é ser leitor e da própria literatura. A literatura pode ser definida entre antes e depois de “Pierre Menard”.

Não é permitido escrever nos livros de uma biblioteca, e no entanto Borges o fazia. Atualmente, alguns destes exemplares com suas anotações fazem parte do tesouro da própria biblioteca que ele dirigiu. O senhor acha que uma biblioteca deve ser respeitada ou subvertida?

A missão de todo leitor é ser um subversivo, ir contra as leituras convencionais, fazer perguntas, questionar a autoridade. Borges nos mostra como cada leitor constrói sua própria literatura e sua própria história da literatura, nas quais as obras mudam de rótulo e são traduzidas para o idioma pessoal de cada um.

Por muitos anos, o senhor trabalhou para grandes editoras estrangeiras, além de ter fundado uma, a Ram Publishing Company, na Inglaterra. A figura do editor mudou muito nos últimos anos? Em que sentido?

No mundo anglo-saxão, para pior, e isso contagiou quase todas as lín-

guas. O editor se tornou um “editor” no sentido do termo em inglês, ou seja, alguém que retoca, altera, intervém na obra, muitas vezes de modo convencional. Mas talvez poucas vezes na história do livro houve verdadeiros editores, aqueles leitores privilegiados que, como parceiras, ajudam um livro a nascer.

O senhor diz que escreve a partir de sua biblioteca, e que o faz mais como leitor do que como escritor. Será por isso que se dedicou mais à prosa ensaística do que à ficção?

Talvez sim. Sei que minhas leituras me levam a escrever. Penso em citações. E escrevo a partir delas.

Por que, há mais de dez anos, o senhor lê todas as manhãs um canto da *A divina comédia*, de Dante Alighieri?

Cada leitor julga uma obra através daquela alquimia inexplicável produzida quando um texto e um leitor se cruzam. No meu caso, este encontro com a obra de Dante foi postergado por muitos anos e se deu quando eu estava por fazer 60 anos. E agora é uma parte imprescindível da minha vida, porque encontro em seus versos quase tudo o que me pergunto ou imagino.

Houve certa polêmica quando o senhor foi nomeado diretor da BN, por ter construído sua visão do país no estrangeiro. Como sua experiência no exterior pode contribuir para a gestão de uma das instituições nacionais de maior prestígio?

Não acredito em nacionalismos restritos, pequenos, caricaturais. Acredito que temos o direito (talvez o dever) de sermos universais, como queria Borges. Para um leitor argentino de verdade, Homero e Shakespeare são autores argentinos.

E como é para um intelectual ocupar um cargo com tantas conotações políticas?

Difícil. Eu me tornei um administrador que deve conduzir a instituição por meio de um labirinto de obstáculos burocráticos.

Quais deveriam ser as prioridades de uma biblioteca hoje, e da BN especialmente?

Como sempre, o serviço ao público: estimar, adquirir, conservar e proteger, evitar a censura, catalogar, digitalizar, propor bibliografias comentadas, oferecer um lugar para o diálogo, expor, facilitar o acesso a todos.

Soube que a digitalização do catálogo da BN é uma das prioridades da sua gestão.

É verdade. Não só estamos revendo todo nosso plano digital como também estamos pensando em uma extensão do projeto “Americana”, de Robert Darnton [historiador e bibliotecário norte-americano], que pretende reunir digitalmente todos os catálogos dos países das Américas.

Em sua aspiração por uma biblioteca universal, o senhor tem falado em estreitar laços com outras bibliotecas do país e exterior. Como foi a experiência de visitar as bibliotecas da Villa 31, uma das maiores favelas de Buenos Aires? Que estratégias podem ser pensadas para que a BN seja realmente inclusiva e não restrita a uma elite?

Em primeiro lugar, apresentarmos. Mostrar que não somos uma instituição para apenas um grupo de pessoas, abrir nossas portas a todos, explicando como fazer para nos usar. Não será fácil, porque em nossa sociedade tudo traz um rótulo de uma classe ou de outra, e tudo o que for intelectual é considerado elitista ou supérfluo. Na Villa 31 tentamos ajudar os moradores a montar uma biblioteca popular, mas depois os diferentes grupos representantes não conseguiram entrar em um acordo. E eu não



“ Em tempos de corrupção generalizada e falta de empatia, a biblioteca pode nos ensinar a nos comportar de outra maneira, através de histórias que não são as oficiais.”

quis que a BN impusesse essa criação. Acredito que, com o tempo, conseguiremos atrair mais público, e um público mais diversificado.

É verdade que existe um plano de criar um Centro de Estudos Jorge Luis Borges na antiga sede da Biblioteca Nacional, onde ele trabalhou? Como será esse projeto?

Criamos a pessoa jurídica do Centro Internacional de Estudos Jorge Luis Borges, a cargo de dois ilustres bibliotecários, Laura Rosato e Germán Álvarez. Estamos esperando recuperar

o edifício da Rua México, onde Borges tinha seu escritório. Atualmente temos apenas o primeiro andar, mas esperamos que nos concedam uma boa parte do edifício. Ali, teremos uma Biblioteca Borges (com todos os seus livros, originais e traduzidos) e obras da “galáxia Borges” — de autores que o influenciaram e que ele influenciou. Além de todo trabalho sobre a obra de Borges que for publicado. E talvez residências para pesquisadores.

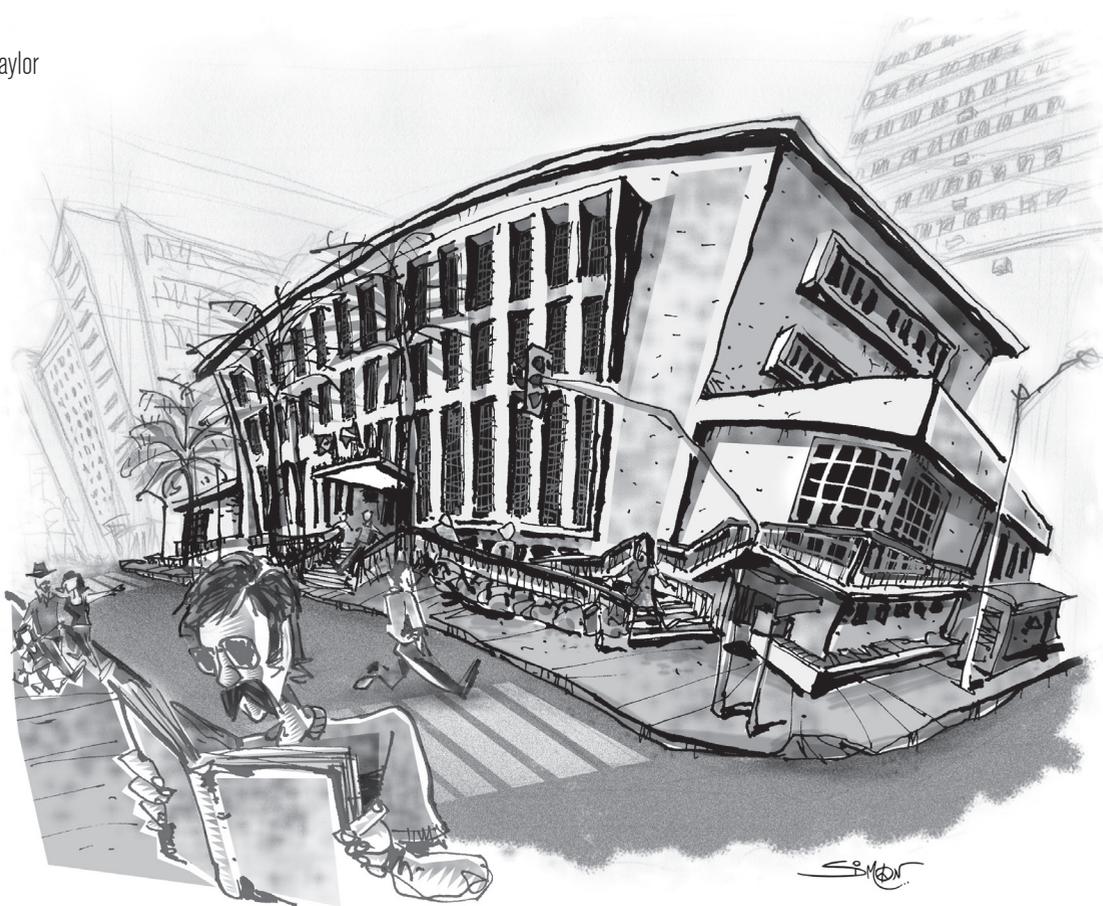
Em *Uma história natural da curiosidade*, o senhor recorda um episódio de infância: aos 8 anos, quando já lia as narrativas de Sherlock Holmes, decidiu fazer um caminho diferente para voltar da escola e acabou se perdendo. Se não fosse leitor de Conan Doyle, talvez não tivesse a curiosidade de descobrir o que havia do outro lado. A leitura literária é uma forma de nos tornar mais curiosos e conscientes do mundo que nos cerca?

Certamente. A leitura literária estimula a curiosidade. Queremos saber o que vai acontecer com Aladim, se Sandokán conquistará Mariana, se K. finalmente chegará ao castelo. Assim lemos, desejando que o final nunca chegue. Flaubert disse que a estupidez consistia no desejo de concluir.

Em março de 2017 a Biblioteca Pública do Paraná completa 160 anos. Que recomendações o senhor daria para uma instituição mais jovem que a BN, que já ultrapassou dois séculos de existência?

Persistência para exigir das autoridades públicas os fundos necessários para subsistir de modo eficaz, confiança em seus leitores atuais e futuros, fé para continuar sendo o símbolo essencial da sociedade que os alberga. Nós, da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, desejamos à BPP muitos outros anos de inteligência e iluminação. ■

Simon Taylor



A convite do **Cândido**, os cinco fundadores do grupo Urban Sketchers Curitiba desenharam o prédio da Biblioteca Pública do Paraná. A imagem de Thiago Salcedo ilustra a capa desta edição. Os trabalhos de Antonio Dias, Fabiano Vianna, Raro de Oliveira e Simon Taylor estão

Antonio Dias



nestas duas páginas. O Urban Sketchers é uma comunidade mundial formada por artistas que produzem e compartilham desenhos de observação em ambientes externos ou internos – com o objetivo de registrar o cotidiano do local onde vivem ou para onde viajam.



Fabiano Vianna



Raro de Oliveira



Lina Faria/Arquivo BPP



Affonso Romano de Sant'Anna durante edição do projeto Um Escritor na BPP, em maio de 2014.

A leitura é o verdadeiro pré-sal

A partir de sua experiência à frente da Biblioteca Nacional, de 1990 a 1996, o poeta e ensaísta **Affonso Romano de Sant'Anna** apresenta uma reflexão sobre a importância das bibliotecas e do ato de ler no mundo contemporâneo



Entre 1990 e 1996, dirigi a Biblioteca Nacional (BN). Por ali haviam passado figuras notáveis (impossível citar todas). Não sei porquê, lembro de Raul Pompeia — que, por sinal, como lembrou Paulo Francis, se matou.

A BN veio de Portugal, um luxo para o Brasil. Dizem que pagamos por ela duas vezes, que piratas arrebatarem o dinheiro da compra (há muita lenda em torno da BN). Os monarquistas, como D. Pedro II, gostavam de livros.

A BN caiu-me no colo. Nunca havia pensado nisso. Tentaram me levar primeiro para a Funarte. Desisti. Eram tempos de Ipojuca Pontes. Quando me ofereceram a BN eu não sabia em que estava me metendo. No livro *Ler o mundo* conto algumas coisas. Eu era um simples professor de literatura. Nunca frequentei o poder. Dava minhas aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Verdade, era meio incherido como cronista.

Andei escrevendo e indagando por que os diversos governos nunca davam valor à cultura. Escrevi em 1980 no *Jornal do Brasil* o artigo “Sobre a política nacional do livro” e depois, em 1986, o texto “Por uma política nacional do livro”.

De repente, na confusão do governo Collor, fui chamado e entrei com a ingenuidade dos leigos. Não sabia o que me esperava.

Depois da cerimônia de posse, no aeroporto de Brasília, com Marina Colasanti, vi na TV uma cena em que halterofilistas levantavam pesos enormes, e disse a ela: “Não sei como há pessoas que se dedicam a esse esporte”.

Ela apenas ponderou: “É o que te espera.”

De mãos dadas

Na BN havia um caos criado pelo governo Collor. Ele queria (re)inventar a roda. Quem mandava era o “inventariante”— figura criada na época. Cada instituição tinha um “inventariante”.

Um terço dos funcionários estava afastado e o prédio, caindo. Eu mesmo fui socorrer um transeunte vitimado.

Os funcionários da BN fizeram comigo uma brincadeira: no corredor, perto da diretoria, puseram obras velhas e lixo...

Reuni os funcionários para ouvi-los. Eles imediatamente reagiram: “Quem é esse louco que quer saber o que pensamos?”. Chamei antigas diretoras para me ajudar, como Mercedes Pequeno e Janice Montemor. Vieram. Notáveis! E, minimizando os problemas, em pouco tempo o *Jornal do Brasil* publicou um estudo: a BN é a instituição federal que melhor funciona no Rio. O sucesso veio confirmado por um prêmio de marketing, quando a Fundação Getúlio Vargas considerou a BN um *case* de êxito administrativo.

União nacional

Sempre tive uma mania: pensar as coisas sistemicamente. Por isso pensava que uma BN não pode ser apenas um acidente arquitetônico no centro do Rio, tem que se relacionar com o resto do país. Daí a criação (imediate) do Sistema Nacional de Bibliotecas, juntando

todas as bibliotecas do país. Mas não foi fácil. A gente nem ao menos sabia quantas bibliotecas o país tinha.

Começamos a fazer reuniões com os diretores de bibliotecas, nas quais eles podiam expor os seus projetos e contar com nossa ajuda. Em seguida, pensamos também em reunir bibliotecas universitárias. Após reuniões com os reitores de universidades, surgiu a ligação com as bibliotecas universitárias: estava formada uma rede nacional.

E ainda fiz questão de dizer que tudo o que acontecia com a literatura brasileira e com o livro interessava à BN. Foram logo criados programas que viabilizassem isso. E não interessava apenas à parte nacional, mas também a internacional.

Ajudamos a primeira bienal de Moçambique com livros, participamos da Feira de Frankfurt em 1994, estive em outros eventos de diversos países. Fora isto, muitos programas tornaram a BN visível lá fora. Fizemos várias publicações com o *Brazilian Book Magazine*, que daria notícias para os professores, de todo o mundo, sobre a literatura nacional.

E havia o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), uma ponta de lança dentro do país. O Proler chegou a ser efetivado em dezenas de municípios. Se tivessem deixado o projeto prosseguir, hoje o país seria outro.

A roda é quadrada

Devo esclarecer que a Biblioteca Nacional era uma fundação. A reforma do Collor enfiou pela goela da BN a Biblioteca Demonstrativa de Brasília e o Instituto Nacional do Livro. Hoje, voltou tudo a ser como dantes no quartel de Abrantes. O que era para ser apenas uma limonada, transformou-se em um verdadeiro sorvete. As dificuldades nos ajudaram. A gente tem que aprender a ver o que as adversidades têm de bom.

Prefiro contar alguns casos verdadeiros que ilustram essa história.

A primeira coisa pode ser tirada dos jornais da época. Na coluna do Zózimo Barroso, no *Jornal do Brasil* do dia 20 de julho de 1991, apareceu o seguinte comentário: “Do presidente da BN Affonso Romano de Sant’Anna: ‘Descobri que na administração pública a roda é quadrada e a gente tem que fazer a carruagem andar como se a roda fosse redonda’”.

Hoje, uns 20 anos depois, percebo que essa é uma realidade terrível. Quem está fora do governo não tem ideia do drama. O governo é um desmazelo só. Se alguma coisa dá certo, é sorte.

Outra história: tínhamos estagiários que eram trazidos da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem). Uma maneira de tentar inserir os menores nessa coisa que chamamos “sociedade”. Pois bem. Não é que esses garotos traziam toda cultura da periferia e os conflitos das gangues a que pertenciam? Por exemplo: os garotos apanhavam livros nos “grandes armazéns” e mandavam alguns recados que não eram difíceis de entender. Botavam dentro dos livros a sigla do “C.V.” (Comando Vermelho).

Existe recado mais direto?

Conseguimos transformá-los (de alguma maneira). Exemplo é a partici-



pação na Bienal, onde compuseram um rap de louvor ao livro e redigiram composições que foram premiadas.

Outra história, desta vez desnor-teante e meio estapafúrdia, pois refe-re-se a duas pessoas conhecidas: Edson Nery da Fonseca e Lúcio Costa.

Quando Fonseca viu o mapa de Brasília (que estava em construção), no-tou — ele que era um famoso biblio-tecário — que haviam esquecido de incluir na capital uma biblioteca. In-trigado, procurou o Lúcio Costa e per-guntou onde estava a biblioteca. E qual não foi sua surpresa quando ouviu Lú-cio Costa dizer: “Esse negócio de bi-blioteca nunca deu certo no Brasil”.

Isto está narrado pelo próprio Edson em seus escritos.

Daí o esforço em torno do Pro-ler. Ler o mundo, apreender o que há em volta da gente. Posso dizer que o esforço continua em vários pontos do país. E o que aprendi nesse tempo foi uma coisa que está lá em minha tese sobre Drummond, publicada em 1969, e que é fundamental para quem vive no Brasil: a relação dialética entre o sucesso e o fracasso. Temos que apre-nder a fracassar para obtermos sucesso — ainda neste texto retomarei o mote fracasso/sucesso.

Complicações e resultados

Os relatórios deixados dizem muita coisa. Mas tive que enfrentar gre-ves absurdas, embora os funcionários nunca tivessem sido tão bem tratados.

Depois que fui demitido, um presidente da associação de funcio-nários dizia: “Éramos felizes e não sabíamos.”

Uma história construtiva acon-teceu e até fiz uma crônica a respeito. No meu prédio eu tinha um funcionário que certo dia me perguntou: “Professor, o senhor acha que uma cidade de 10 mil habitantes merece uma biblioteca?”.



Sant'Anna esteve à frente da Fundação Biblioteca Nacional entre 1990 e 1996.

A pergunta era insólita e reagi imediatamente: “Que cidade é essa?”.

O interlocutor falou então de Mulungu, no interior da Paraíba.

Comentei: “Você sabe que até conheço o governa-dor de seu estado?”. Era o tempo da gestão do Ronaldo Cunha Lima.

Escrevi uma crônica narrando a conversa e desafiei o governador a fazer uma biblioteca em Mulungu. O go-vernador, excelente repentista, respondeu: “O funcionário acabou voltando à Paraíba e virou vereador na sua cidade”.

Já que não tínhamos dinheiro, pois o orçamento (ve-jam bem) era 0,035% para todo o Ministério da Cultura — e pensar que o Ministério da Cultura chegou a ter algo perto de 1%. Como se vê, a penúria era geral. Por isto, ape-lamos para a Fundação Roberto Marinho e para o Banco Real quando foi necessário reformar o prédio.

Nem vou falar aqui da aquisição de novas salas, da agilização do anexo e, sobretudo, da avaliação do acervo da BN: colocamos, sob a liderança da bibliotecária Ana Vir-gínia, nada menos que 500 novas bibliotecárias para fazer esse levantamento. Descobrimos gravuras, desenhos, coisas incríveis. Está tudo registrado em vídeo.

Mas uma das ações mais gratificantes foi a devolu-ção de obras roubadas do acervo. Há vários exemplos, entre os quais o caso de um antigo funcionário que levava obras para casa, pensando assim guardá-las melhor.

Bibliotecas no mundo

Uma das coisas maravilhosas do meu período à frente da BN foi poder conhecer bibliotecas de vários paí-ses. Não bastava a de Washington — a maior do mundo (naquele tempo com 80 milhões de livros, enquanto a nossa BN tinha 9 milhões). Estive na do Egito, na Irlanda e fiquei encantado com a Nova Biblioteca (criada por Mitter-rand). Conheci bibliotecas célebres — como a de Coimbra. Ajudei a mandar livros para a biblioteca de Alexandria. Estive até na Rússia.

Mas na Índia vi e me disseram algo impressionante: os EUA têm, na embaixada, uma equipe para arrecadar livros nas dezenas de dialetos lo-cais. Já pensou?

Isto me faz lembrar de algo que aconteceu durante meu período na BN: a embaixada americana enviou caixotes com todos os panfletos espa-lhados pelo Brasil nos anos 1960. Re-colheram tudo. Qualquer protesto va-lia. E o mais impressionante: estavam nos oferecendo os originais, pois ha-

viam copiado tudo em Washington. Que dizer: têm tudo guardado.

Não estranha que sejam os donos mundo!

Fim do livro

Há uma obra chamada *Não contém com o fim do livro*, na qual Umberto Eco e Jean Claude Carrière discutem a questão que o título sugere. Já escrevi a respeito e tenho a impressão de que o livro, em vez de acabar, vai se transformar.

Dizem que os mandamentos foram escritos na pedra. Já o livro *pocket* surgiu na década de 1930. Os jornais estão em pânico, encolhendo, acabando. Hoje temos não sei quantos aplicativos. Minhas filhas veem o mundo na tela do celular. Todo mundo tem um ou mais celulares. As redes sociais são uma realidade. Quer dizer: o mundo mudou com a internet. Então eu digo: o livro está, sim, se modificando. Ontem eram os incunábulo, hoje são os aplicativos, amanhã ninguém sabe.

Estou preparado para surpresas.

O livro tem passado por tantas modificações que eu simplesmente digo: o que interessa é a L-E-I-T-U-R-A. Temos que ler o mundo para aprender alguma coisa. Hoje cultiva-se a pressa, o brilho fácil. Mas é a leitura do mundo o fundamental. Os primitivos liam o mundo, até os cães leem o mundo. Temos que ler e interpretar a realidade.

Publiquei recentemente um dos muitos ensaios que fiz sobre o tema, no qual coloquei alguns pontos que me pareceram necessários. Falava-se, há pouco, do pré-sal, que o Brasil teria reservas imensas e, por este motivo, o governo estaria loteando o nosso futuro.

(Aliás, temos que deixar de lado essa estória que o Brasil é o país do futuro. Tal máxima é uma concepção errada da História — a História não anda, como queriam meus amigos marxistas, em linha reta)

O poeta e ensaísta costuma dizer que na administração pública a roda é quadrada “e a gente tem que fazer a carruagem andar como se a roda fosse redonda.”



Reprodução

Nesse mesmo e imenso artigo, eu dizia que a LEITURA é o verdadeiro pré-sal. Os povos mais desenvolvidos possuem alto índice de alfabetização.

E lembro de um exemplo: enquanto certos prefeitos se recusam a montar bibliotecas, embora governos acenem com promessas de ajuda, a Suécia criou bibliotecas para os latino-americanos exilados. Eles sabem que os exilados precisam alimentar o seu imaginário na própria língua.

Portanto, como venho repetindo, a leitura é o verdadeiro pré-sal.

O fracasso e o sucesso

Comentei com o porteiro do meu prédio nesses dias em que estamos todos perplexos: “Antônio, você sabia que o universo tem 14 bilhões de anos?”

Acredito que ele está até hoje traumatizado, como também estou. Deixo essa afirmação no ar e volto, portanto, ao tema do fracasso/sucesso. Quem não souber lidar com esses dois elementos, não entenderá nada do que ocorre por aí.

Em minha tese de doutorado, *Drummond, um gauche no tempo*, tratei disto. Aliás, o “gauche” drummondiano passa por esse dilema. Ele nasce sob os auspícios de um anjo malsinado e carrega a pecha o resto da vida.

O mesmo ocorre com Clarice Lispector. O tema do fracasso/sucesso está presente em sua obra. No livro *Com Clarice*, que escrevi em parceria com Marina Colasanti, me aprofundo no tema. Pode parecer estranho, incompreensível até, mas

é justamente Clarice quem diz: “E não me esquecer, ao começar o trabalho, de me preparar para errar. Não esquecer que o erro muitas vezes havia tornado o meu caminho”.

Dou um pulo. Falo disto de outra maneira.

Numa mesa redonda com Francisco Gregório Filho, um dos coordenadores do Proler, de repente, ele falou de outra maneira o mesmo que Clarice e Drummond enunciaram. Gregório dizia que ia falar sobre o fracasso, o que aprendeu com ele. E citou uma série de programas em que esteve que foram abortados, prejudicados e pararam. Achei interessante aquilo: o sucesso do fracasso ou vice-versa.

Portanto, a história da leitura em nosso país é uma história de vitoriosos fracassos. Começa recentemente com Monteiro Lobato, nos anos 20 do século passado, passa por Mário de Andrade e Rubens Borba de Moraes, depois vem Paulo Freire — com quem estive no Recife no Congresso de Cultura Popular em 1962 — e afirma-se com o Proler na Biblioteca Nacional, em 1992.

Termino minhas conjecturas convidando, portanto, todos vocês ao fracasso — uma forma estranha de obter sucesso. ■

 **Afonso Romano de Sant'Anna** é um dos intelectuais mais atuantes do país. Escreve crônicas para jornais e revistas há mais de meio século. É um dos principais poetas brasileiros, autor de dezenas de livros, entre os quais *Que país é este?* e *Textamentos*. Estudou a obra de Carlos Drummond de Andrade, o que resultou no livro *Drummond: o gauche no tempo*. O seu ensaio sobre o barroco — *Barroco: do quadrado à elipse* — joga luzes sobre a realidade nacional. Mineiro nascido em Juiz de Fora em 1937, está há anos radicado no Rio de Janeiro (RJ).

Ilustração: Simon Taylor



TOURNIQUET

Fica quietinha que a mãe vai tomar um banho. A mãe foi no salão fazer as unhas. Liga depois que a mãe tá dormindo. Foi no shopping. Agora não que a mãe tá cansada. Foi na farmácia. Tua mãe não foi na reunião dos pais? Comprou um vestido novo pra ir pro trabalho. A mãe não foi ao supermercado. Vai chegar mais tarde hoje. A mãe esqueceu que era o aniversário. A mãe não vem no fim de semana. Comprou sandálias roxas pra ir pro trabalho. A mãe não apareceu desde quinta. A mãe foi passar as férias com o gerente. A mãe nunca mais saiu da banheira.

Manusear de peças raras. Manhã, eu me alimento de esferas. Os procedimentos os uivos as presas umedecidas, tudo talvez me torne recipiente e reconheço um brilho e um lapso. Tarde, talvez alguém impermitido sobe essa escada, os estreitos os sons são conversíveis. Não velo coisas que entristeçam. Penso ampliamentos. Uma voz não areada liga. Ligará de novo depois das cinco das dez das quinze e novamente. Conteúdo: relógio, voz, jades e embrulhos. Fim da tarde, as formigas voltam. Voltam lembranças imparcializadas. Eu tive medo alguma vez confesso. As imagens são impenitentes. Obstinei em águas e lençóis moídos. Rasguei o almanaque sem nenhuma pressa. As traças solfejaram uma canção francesa. Colecionei matérias desusadas. Supõem-se muito pouco depois da sopa do vinco do soluço do esmalte do verniz do betume do sangue.

Teu pai é um cafajeste. Teu pai é aquela estrelinha ali, tá vendo? Teu pai era lindo. Teu pai sabia falar inglês. Teu pai tinha uma casa enorme naquele bairro chique. Teu pai pilotava avião. Teu pai adorava esquiar. Teu pai trabalhou de garçom por dois anos naquele restaurante ali, tá vendo? Teu pai tinha olhos verdes lindos. Teu pai não tinha um dente na boca. Teu pai sempre me mandava flores. Nem pra te dar um sobrenome, aquele desgraçado do teu pai. Come o bolo. Para de fazer essa cara de choro. Por que está olhando pela janela?

Para falar de certas coisas: inventar um roteiro vindo de trapos. Inventei um mapa da rede de esgotos e mais os ratos e suas famílias. Para falar de certas coisas pari um diagrama mostrando o curso do sangue arterial e mais o mistério dos trombos. Me desloco com incrível destreza. Estou muito bem. Na minha cabeça há pequenas pedras cinzas. Quando o primeiro toque pela primeira vez as mãos flores. Quando tocaram

pela última vez as mãos engolir águas. Depois que a porta se fecha há o mundo. Seria uma pergunta: não podemos ser. Neste que é o mundo somos um outro somos só o imediatamente somos da mesma forma apenas depois.

Vem aqui com a vovó, querida. Vem aqui que o vô tem um chocolate pra você. Vem aqui que a vó comprou uma revistinha pra você. Vem aqui que o vô vai te levar na pracinha. Vem aqui e dá um abraço na vó. Vem aqui e dá um beijo no vô. A vovó te adora. O vô te ama muito. Fica boazinha que no Natal você ganha uma boneca que fala. Olha que linda a minha netinha ela se chama, como é mesmo? Por que o teu pai é tão velho? Por que a tua mãe é tão velha? Por que você nunca viaja nas férias? Por que você usa essas roupas estranhas? Por que você não tem uma lancheira igual das outras? Fica quietinha que no Dia de São Nicéforo você ganhará um par de ases.

Por fim não compreendemos viver dentro do milagre. Aquelas brincadeiras aquelas lembranças divididas aquelas horas de risos aquelas coisas todas quando se dizia o eterno era apenas milagre. Era desfeitura lenta lenta irreversível e pensávamos que eram flores novíssimas e incorrosíveis. Algo me prevenira, algo me alertara sobre o mundo lá fora onde há apenas siso. Onde há o preço do tempo, onde há uma fruta envelhecendo o que era perfeito. Onde o desmoronamento delicado menos que ingênuo. O mundo (pergunta) será avesso a paraísos. Estamos somos (pergunta) num tempo que rege e escoo num topo num limbo será.

Ela se queima, doutor. Ela não fez as equações de matemática. Ela amassou o vestidinho novo. Ela maltrou o cachorrinho. Ela se perfura, doutor. Ela não terminou a redação. Ela faltou à catequese. Ela deixou morrer o peixinho. Ela se mutila, doutora. Agora

arranjou um namoradinho. Escuta músicas esquisitas. Essa noite conseguiu dormir duas horas, graças a Deus! Sim, se alimentou melhor. Fica no telefone com uma amiga. Inventou de dançar até de madrugada. Não, deixou de se alimentar. E novamente.

Estava num elevador num teatro na fila de espera num frigorífico. E escolhi um rosto e mãos que apagam o cigarro a boca

que traga

que boceja

que pede mais uma cerveja

que faz uma pergunta incompleta

que destina tempo a flores de pano

que desfaz aos poucos os fios da trama

que gargalha

que nada diz. Que, pensando bem, disse que o mundo é dentro e eu copio a sua frase aqui — não sem medo de pisar nos cacos não sem medo de que o seu rosto me assalte e as incertezas.

Fim do dia e a própria tarde desce a rua. Remendo imensas pilhas cheias de imensos. Por isso remexi nas conchas sobre os panos. Por isso desacreditei que importavam rastros. Por isso lamentei não ter velado os máximos. Reverter o mérito desta flor ousada. Por isso reinvento os ínfimos como se enormes.

(Fica quietinha). ■

 **Simon Taylor** é desenhista, designer gráfico e diretor da Ctrl S Comunicação. Nascido em Curitiba em 1974, trabalha em jornais paranaenses desde 1996. É autor dos livros *Charge agora... ou cale-se para sempre!* (2013), *Meus casos de sucesso* (2014) e *Sketchers do Brasil* (2016). É vencedor de diversos prêmios Sangue Bom do Jornalismo Paranaense. Vive em Curitiba.

 **Luci Collin** nasceu e vive em Curitiba. É autora, entre outros, dos livros de contos *Inescritos* (2004) e *Vozes num divertimento* (2008), do romance *Nossa senhora d'aqui* (2015) e dos livros de poemas *Querer falar* (2014) — obra finalista do Prêmio Oceanos 2015 — e *A palavra algo* (2016). "Tourniquet" faz parte do livro de contos *A peça intocada*, a ser lançado este mês pela Editora Arte & Letra.



METAFÍSICA DO PÃO

O todo transita, afia e grita.
Se cala rude (feixe em riste),
Como ardente veia acesa.
O todo pleno, imóvel, (teu manto-olhar é céu em chamas),
Espasma a retina que cobre a terra, (candura), e fria.
Tua pele morta (lama imanente)
Nutre o órgão coráceo ao olhar do recém-nascido.
Recebe a massa e o ferro do pão sublime.
Tua santidade de morte e vida.
Mãos sulcadas semeando faces de aço,
Fustigadas e amadas pelos fogos (lâminas),
Que perfuram como dois olhos cerrados, (punhais descobertos),
Maduros e fartos.
A fundura (escura) de partos.
E grita.
Pela morte do pão, e ascensão da cinza,
Ardência em chama
E te chama à luz.

Ilustrações: **Raro de Oliveira**



(CORPO) DO AMAR

Há raízes fundas,
 Que perfuram teus pés
 E explodem na retina,
 Que amam a cegueira nos campos da ira,
 O escuro da entranha do olhar aberto,
 A podridão dos frutos no fundo do abismo da terra,
 Todos os ódios possíveis calados como um útero,
 Forte e inexpugnável
 Como a pele da córnea,
 E a possibilidade dela abarcar toda luz impossível ■



Raro de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro. Graduado em Design Gráfico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é designer, ilustrador, artista plástico, com passagem por agências de publicidade no Rio, Belo Horizonte e na capital paranaense. Vive em Curitiba (PR).

Andrey Luna Giron nasceu e vive em Curitiba (PR). É autor de *Cósmicas* (2010). Os dois poemas publicados nesta edição do **Cândido** integram um novo livro, previsto para o segundo semestre deste ano.

Junto com outros 14 textos inéditos de autores entre 18 e 30 anos, este conto foi selecionado pela equipe do **Cândido** para integrar uma coletânea, a ser publicada no primeiro semestre de 2017 pelo selo Biblioteca Paraná.

DOIS ESBOÇOS

Ilustrações: **Antonio Dias**



No primeiro dos dois desenhos, Orundellico tem a cabeça ligeiramente projetada à frente do corpo e sua postura se assemelha à de um símio. O nariz eleva ao centro de olhos inexpressivos e percorre metade da extensão do rosto, apontando para um recuo brusco da ossatura situado na parte inferior da face. O cabelo repicado, de corte rudimentar, completa o aspecto selvagem do retratado.

No segundo dos dois desenhos, apesar do nariz largo e saliente, Jemmy Button tem as mesmas feições e o mesmo olhar altivo observados em qualquer jovem europeu do século XIX.

Ambos os retratos foram feitos pelo Capitão FitzRoy, que em 1929, à frente do *Beagle*, levou Orundellico a Londres. Foi ele também quem, no comando do mesmo navio, devolveu Jemmy Button à Terra do Fogo quatro anos mais tarde.



O naturalista justapôs as duas ilustrações e aproximou-as da luz para observar os detalhes com nitidez. Demorou-se por alguns instantes ao compará-las, mas foi logo vencido pelo cheiro da queima do óleo de baleia exalado pelo lampião. O odor sórdido tomava conta do ambiente da cabine, intensificando o enjoo que ele experimentava em viagens longas, às quais ainda não se habituara totalmente. Precisava tomar um pouco de ar.

Antes de abrir a porta, ainda puxou a corrente de prata que escapava do bolso e tinha presa à outra extremidade um relógio dourado. Uma inutilidade, pensou, conferir as horas nas quais a rotina inexistente e as ações são ditadas apenas pela necessidade. Passavam sete minutos das duas da manhã. Ninguém da tripulação circulava pelo navio, e ainda assim os barulhos eram incessantes. As tábuas rangiam, o som das ondas se amplificava; o movimento a bordo parecia maior do que ao longo do dia. Marinheiros de primeira viagem tinham a sensação de navegar rodeado por fantasmas.

Caminhando pelo convés, ele se aproximou da proa e, recortada contra a escuridão tumultuada à sua frente, percebeu uma silhueta de baixa estatura. Apoiada na amurada, reclinava-se contra o mar como se estivesse prestes a se atirar no oceano. Por um instante, o naturalista sentiu o ímpeto de correr em sua direção e impedir o ato, mas logo reconheceu o rosto de Jemmy que, alarmado pelo barulho, voltara-se para ele. Parecia muito tranquilo.

Jemmy Button (o naturalista nunca soubera por que o Capitão FitzRoy havia escolhido esse nome) era o jovem da Terra do Fogo; o mesmo que, na última semana de dezembro, atraía dezenas de pessoas ao cais do porto para assistir à partida do *Beagle* rumo à América do Sul. Ao longo de toda a viagem, o garoto demonstrara certo prazer por saber-se centro das atenções e objeto de estudo.

Mas o naturalista pouco lhe dirigira a palavra, e soube que aquele era um bom momento para fazê-lo.

— Pegando um pouco de ar fresco também?, perguntou.

O garoto encarou-o fixamente por alguns segundos. A atenção do naturalista se deteve nos olhos de seu interlocutor. Lembravam duas peque-

nas azeitonas negras e reluzentes, em cujo brilho não se discernia qualquer expressão. Jemmy desviou o olhar para as tábuas de madeira no chão, e o naturalista entendeu que aquilo não era introspecção — o garoto apenas não compreendia a pergunta. Por isso, repetiu a frase pronunciando as palavras com um cuidado especial:

— Você também precisou vir aqui para fora? Para sentir um pouco de vento no rosto?

A resposta veio automática, embora acompanhada por um sorriso:

— Sinsenhora.

— São complicadas essas viagens, ainda mais para nós que não estamos acostumados. Três meses e ainda sinto ânsias.

Ele se posicionou ao lado do garoto e recostou as mãos na amurada que os separava do mar. Distraiu-se, tentando discernir a linha do horizonte sob a pálida iluminação da lua minguante. Sentia os pensamentos se recompor gradualmente com o cheiro de sal e longas distâncias que temperava a brisa fresca. Jemmy acompanhava o movimento das ondas em silêncio.

Uma coincidência notável, encontrá-lo ali àquela hora, logo após analisar os desenhos. Mas era natural que o garoto tivesse dificuldades para dormir — afinal, estava prestes a voltar à sua terra de origem após tantos anos. Examinando o garoto de perto, o naturalista confirmou que o Capitão fizera jus aos seus traços no segundo retrato, e por isso aceitou também o primeiro como verossímil. Ah, os efeitos da civilização! Só assim era possível explicar a transformação pela qual o menino passara. Além de ter o cabelo bem ajeitado, vestia um suspensório azul-escuro sobreposto a uma camisa justa e tinha os sapatos bem engraxados, mesmo após

tantos dias ao mar. Era irreconhecível se comparado ao da primeira ilustração. Até o rosto se tornara mais humano.

— Você se chama Jemmy, não é mesmo?

— Jemmy Button, sinsenhôr.

— Sim, sim... Por favor, desculpe-me a indiscrição... mas... por que Button?

Por óbvio, a família do garoto não tinha sobrenome britânico. Se é que tinha sobrenome.

— Button, sinsenhôr. É porque, quando me pegou, o senhor FitzRoy deixou um botão de madrepérola para a minha mãe.

— Um botão de madrepérola?

— Sinsenhôr. Quando eu ainda não morava na cidade, o senhor FitzRoy queria me levar para Londres pra eu aprender e depois ensinar minha fa-

mília, e me trocou com minha mãe. Deu um botão de madrepérola pra ela e me levou. Era um botão muito bonito.

Tudo aquilo havia sido uma grande dor de cabeça para o Capitão, que regressara à Europa logo após a aprovação de uma nova lei proibindo qualquer tipo de transporte escravagista em navios britânicos. Diziam os amigos mais próximos que, não fosse a sua inquestionável boa-vontade ao resgatar o menino e civilizá-lo (corroborada pela reputação construída ao longo de toda uma vida a serviço da Coroa), as punições teriam sido as mais severas. No entanto, ele escapara sem maiores complicações além de devolvê-lo à sua terra assim que houvesse uma oportunidade.

O naturalista acompanhara tudo de perto; afinal, a decisão do tribunal

influenciava diretamente o planejamento daquela viagem que tanto antecipara. Por isso, inteirou-se da história o máximo que pode, mas sempre com a sensação de que as descrições eram insuficientes para uma compreensão real das condições em que o garoto se encontrava antes de ser resgatado. Sabia-se que ele vivera com uma tribo de índios Yaname em uma região próxima ao Estreito de Magalhães. Os Yaname eram facilmente reconhecíveis, pois andavam praticamente despidos em uma região de temperaturas baixíssimas e vento incessante. Lá, o garoto não era Jemmy Button, mas Orundellico.

Em Londres acreditava-se que, a exemplo dos agrupamentos de nativos na Oceania, as tribos que habitavam a zona ao sul de La Plata não eram de seres humanos, mas de uma espécie adjacente. Por isso, fora motivo de surpresa que Jemmy, uma vez catequizado, houvesse incorporado os códigos de etiqueta britânicos e aprendido a falar inglês, apesar das limitações. Passados cinco anos, podia-se dizer com alguma segurança que o selvagem do primeiro desenho já não existia.

Ainda assim, o menino ficara muito agitado com a perspectiva de ser levado de volta à Terra do Fogo. Desde o início da viagem, recontava sua história com grande satisfação a quem demonstrasse interesse, comparando o que conhecera na Europa com sua situação anterior, reconhecida por ele mesmo como “primitiva”. Mas, quando perguntado se desejava ou não retornar, o garoto era reticente.

E agora que o momento se aproximava — era, afinal, a última madrugada antes da ancoragem —, sua excitação parecia dar lugar a uma ansiedade nervosa. O naturalista percebeu que provavelmente não teria outra oportunidade de falar a sós com ele, e quem sabe agora não conseguisse obter algumas respostas? Talvez o tempo que Button passara em Londres fosse suficiente para que o garoto também percebesse as primeiras horas do dia como um momento propício às confissões.

— Você deve estar muito ansioso, não? Estamos muito perto de sua antiga casa.

— Estamos, sinsenhôr. Chegamos amanhã.

— E o que você acha disso? De ser trazido de volta?



— Eu sou muito agradecido, senhor. Muito agradecido por tudo que o Capitão fez.

— Mas você queria voltar?

O garoto hesitou. Deslizava o olhar entre os movimentos do mar refulgente e os próprios sapatos de couro preto. Dentro de um ou dois dias, era possível que estivesse descalço. Talvez até estivesse completamente despido, como os seus.

— Você não gostou da Grã-Bretanha?

— Gostei, sin senhor.

— Então, por que se sente feliz de voltar?

— É porque às vezes eu sinto falta...

Mas de quê, ou de quem? Se tão alegremente subira a bordo, como o Capitão relatara, e tão alegremente se exibira nos mais altos círculos de Londres.

— Sente falta?

E, naquele momento, a resposta do menino soou incompreensível:

— Eu sinto falta do fogo.

No dia seguinte, Button foi deixado junto a uma tribo de selvagens na península de Woollya, o mesmo ponto onde havia sido recolhido pelo capitão alguns anos antes, e a embarcação seguiu por um rio caudaloso rumo à parte interna do continente.

Mas aquela última frase ficaria na cabeça do naturalista até ser esclarecida, três semanas mais tarde. Tendo a expedição concluído as medições geográficas do extremo Sul da América — um dos pretextos da viagem, assim como o garoto —, o Beagle regressou à baía repassando o mesmo caminho que traçara na ida. Conforme o navio se aproximava do oceano, a tripula-

ção distinguiu uma imensa fogueira na margem direita, distante não mais de um quilômetro do córrego que percorriam. Um marinheiro chamado John Thompson, que também participara da viagem anterior, comentou:

— Vê aquela fogueira enorme?

Como os Yaname anda sempre nu, precisaram achar um jeito de se manter aquecido. Por isso acendem essas fogueira no pé das montanha, protegida da chuva, e só se afastam pra caçar e buscar comida. Nunca deixam o fogo apagar. Comem do lado delas; acordam do lado delas; dormem no chão, do lado delas, e fazem todas as necessidade ali, do lado delas.

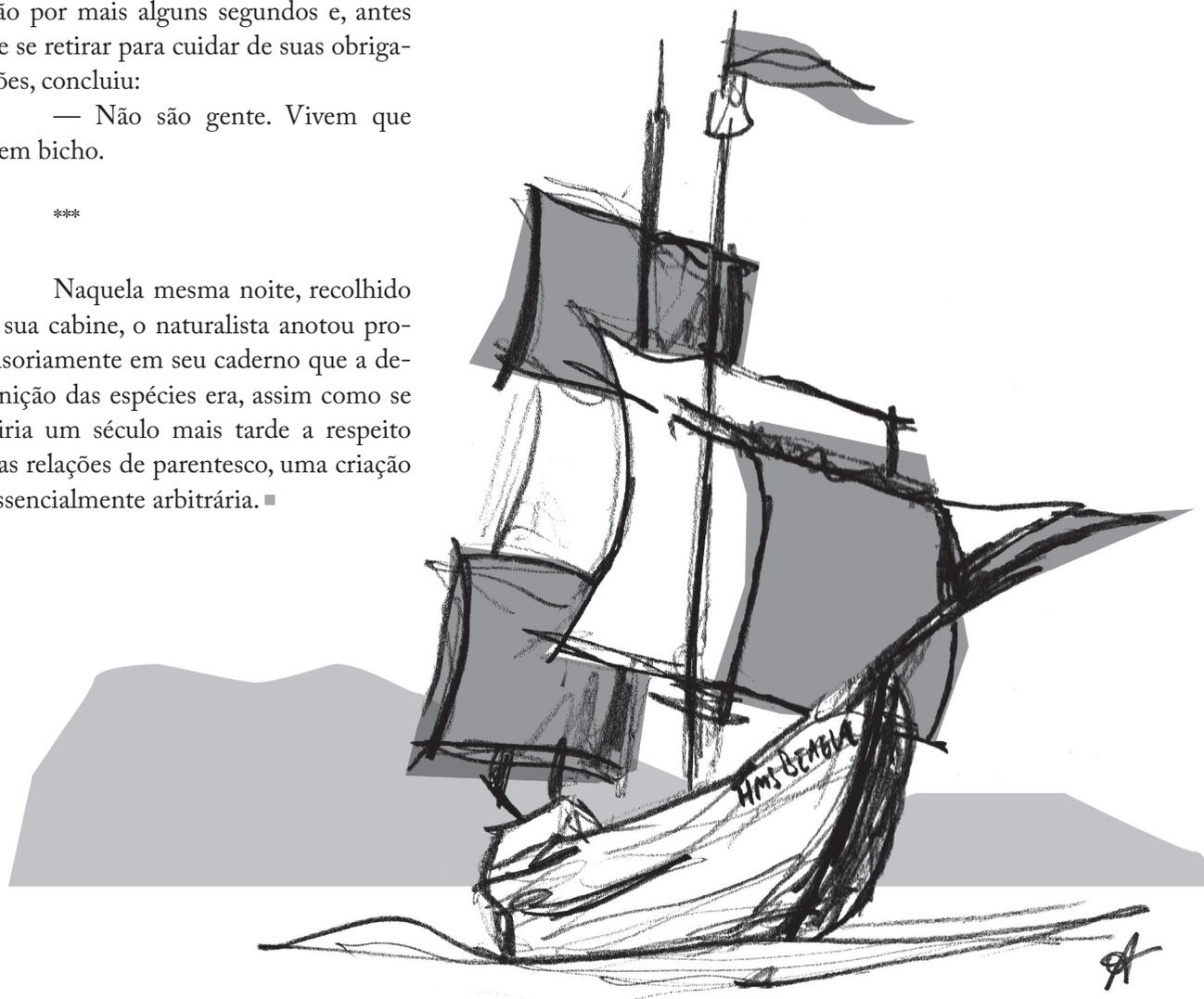
Thompson olhou naquela direção por mais alguns segundos e, antes de se retirar para cuidar de suas obrigações, concluiu:

— Não são gente. Vivem que nem bicho.

Naquela mesma noite, recolhido à sua cabine, o naturalista anotou provisoriamente em seu caderno que a definição das espécies era, assim como se diria um século mais tarde a respeito das relações de parentesco, uma criação essencialmente arbitrária. ■

 **Antonio Dias** nasceu e vive em Curitiba (PR). Professor de Artes Visuais, atua no ramo do design gráfico desde a adolescência. Atualmente é designer na Ctrl S Comunicação.

 **Bruno Cobalchini Mattos** nasceu em Porto Alegre (RS). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estudou Literatura e Línguas Modernas na Universidad Autónoma de Madrid. Trabalha como tradutor e jornalista. Vive em Foz do Iguaçu (PR).





Ilustrações: Fabiano Vianna

**UM CONTO *OU*
TEXTO PARA
ENCENAR EM
*VOZ BAIXA***

dizem que fumar um ajuda o prazo acaba e a gente não sabe se cumpriu ou não a demanda é tanta que tanto faz se poema se prosa se poesia se arritmia se manual de instruções sobre como se tornar invisível em Curitiba Campo Comprido Fazendinha Santa Quitéria Capão Raso são bairros que conheço mas só de nome e o centro força centrípeta¹ da margem para o canto direito do Paraná meio do caminho entre a fábrica e a loja que loja literatura não se vende se aprecia aí de quem troca apreço por preço é tudo ficção inclusive o valor do livro da página da gráfica do editor da lauda revisada pra que mesmo um revisor quando o experimentalismo é tudo experimenta experimenta experimenta você tá em Curitiba terra de Dalton terra de Leminski terra de polaco terra de biblioteca na minha isso é nome de bar gay aliás cadê homem branco hetero cis classe média com problemas para cumprir o prazo que é pouco sempre pouco dinheiro cadê meu personagem que sou eu na verdade que sono que preguiça que vontade de dizer que não não pode vai que alguém vai no seu lugar não perde a oportunidade que é bom pro currículo pra política

pra escrita no jogo é tudo um jogo
espelho em cacos espalhados
espelhados
ilhados
DESEMBUCHA, *menina*.

Seu dente do meio desobedecia hierarquias e justamente por isso surgia ali entre os dois *pausa para procurar o nome dos dentes incisivos acho um adjetivo portentoso que também é um adjetivo imponente. Corta*. Intrometido como o cara que fura a fila para pedir se o ônibus da meia-noite *ou o trem das*

onze horas e meia ainda tem poltronas livres. O dente, detalhe importante, tinha um terço do tamanho de seus vizinhos e era levemente encavalado. O não seguro que ela devolve para o quase passageiro quase à meia-noite quase inseguro não faz a narradora pensar que se *ELA qual delas?* precisasse justificar a grosseria para o chefe lá estaria o dente em seu discurso, meu dente do meio me fez acreditar que era melhor segurar uma poltrona vaga e, sim, não vendi a última vaga, cê sabia que ele lateja toda vez que vai chover e o vento leste da Cambirela muda a rota?, dá azar não prestar atenção nessas coisas *será que coloco aspas?*. Os incisivos são os dentes usados para cortar os alimentos. A faca. A adaga. A lâmina. NA LIGA. Corte é quando a gente deixa os versos da poesia respirarem. O narrador *a narradora* em terceira pessoa voz off onisciente onipresente cristão diria que o dente intrometido estabelece uma nova categoria de singular, mas depois que ele descobre que são quatro os incisivos essa frase não faz mais sentido. Num grunhido, faz barulho de peido com a boca avisando que vai ao banheiro e já vem, invertem-se os papéis *como se, até parece* e é o marido que avisa A avó, deve ser avó pode ser tia-avó pode ser vizinha, a justiça chama de responsável DO SEXO FEMININO, cuida dela, vou cagar e já venho, reitera. Ou foi *ELA* que decidiu ir ao banheiro?, a memória não ajuda a contar histórias, ele faz um sinal de espera com as mãos e percebo que o diálogo anterior só existiu na minha cabeça. Eles se comunicam com gestos teatrais a pelo menos dois metros de distância, a rodoviária inteira uma folha sulfite palco. As expressões fazem parte de um repertório compartilhado, ela encena para si mesma um ué com as mãos para cima quase sem levantar os ombros, mas levanta um pouco, dá pra perceber e nem estou tão perto. Sem os ombros para cima e o ué imaginário, ela teria protagonizado um levantar de sobancelhas ou uma cutucada com o cotovelo no meio da missa para iniciar a prece, *seu personagem não era ateu? Mas que horror, claro que não*. De tão parecidos, suspeito que fossem um casal feito de um casamento arranjado entre primos.

— Moça, você tem carregador de celular? Diz que sim diz que sim diz que sim.

CONTO | JULIE FANK

Faço uma cara de não posso te ajudar e é como se tivesse dito não, *não está permitido falar neste conto, moço*, eu gosto é do silêncio, é quase uma hora da manhã e nada do ônibus, no guichê da empresa os valores estampados PONTUALIDADE RESPEITO AO CLIENTE E PAIXÃO EM CONECTAR E TRANSPORTAR não entendem nada de paralelismo. Pego o livro da bolsa, é sempre a literatura meu fone de ouvido, mas dessa vez era autoajuda, meditação em uma coleção da Folha de S. Paulo de 2001, onde eu estava em 2001?, não consigo. Volto para o de sempre, o Karam na excelente *os resenhistas adoram esse adjetivo* pena de Jornal da guerra contra os taedos, também de bolso. *O anacrônico batalhão de soldados em armaduras causou estupor. Numa guerra em que nada mais causava estupor, foi mesmo uma grande ideia, página 37.* Se é uma cena numa rodoviária tá faltando personagem, ainda mais se o meu resolveu ter diarreia e nada de voltar do banheiro, coloque aqui um turpilóquio *aprendi essa palavra esses dias jogando Academia* à sua escolha. Aparece alguém que interrompe meu pensamento me entregando um folheto de Santa Edwiges, a santa dos desesperados, aceito, guardo na bolsa para fazer uma colagem com o santinho depois *que nome ótimo pra um pedaço de papel eleitoral* e fico procurando rima pra ela *pra quem foi que emprestei meu dicionário de rimas?* Como se entendesse que eu estava pensando em substituí-LA pelo menino ambulante, fica de pé, mãos indignadas na cintura, desconfio que olhou pra mim justificando sua inquietude com uma mão apontada para o companheiro imaginário ausente *onde é que ele tá, meu deus?* quase que dizendo é ele que não me deixa sair daqui. Não lhe resta nada a não ser mexer no cabelo e amarrá-lo com uma pira-



nha transparente sujeita à incidência do sol para virar um furta-cor que nunca é reconhecido como lilás, coisa brega. ELA faz igual eu *olha a gramática verossímil aí* e puxa bem a raiz. Como um bocejo, prendemos nosso cabelo ao mesmo tempo, reflexo involuntário que denuncia a narradora observadora *então você tá prestando atenção no meu enredo, né, fia?* Penso em oferecer um lápis para ELA deixar o coque mais firme, é pra isso que AS MULHERES carregam estojo na bolsa, né?, além do caderno para a lista de compras, no caso dELA não vai adiantar nada, só eu tenho rabricó daquele elástico resistente e consistente e *nem tenho* e, mentira, minha franja vive escapando e aí só o grampinho segura. O ônibus chega e a menina-neta sabe que o ônibus chegou. Depois de pular três vezes para avisar que o ônibus chegou *crianças não entendem nada de pontualidade ainda bem*, arrisca soltar a mão, ela se aproveita do sedentarismo involuntário da avó — alguém tem que cuidar dos pertences —, que não sai do perímetro previsto pelo marido, sacode os braços batendo com as mãos fechadas no quadril, a menina passa para o lado de lá do portão sem olhar pra trás, cadê o marido que nunca mais, a avó só sussurros incompreensíveis para si mesma, ai se ela soubesse o valor de um xingamento em voz alta, nada, do marido e da neta, as coisas seguras as coisas seguras as coisas seguras AS COISAS s e g u r a s, as mesmas coisas de sempre e nenhum gesto é capaz de gritar, circunscrita no seu próprio corpo dentro do perímetro desenhado pelo marido ela se conforma, coisas da gravidade inércia forçada *como a velocidade é um vetor de módulo, direção e sentido, uma alteração na direção implica uma mudança no vetor velocidade. A razão dessa mudança na velocidade é a aceleração centrípeta. A neta hesita por um segundo e a vó deixa escapar um canto de boca menos expressivo, no fundo ela sabe que, de todos os gestos, o que a menina executa com mais desenvoltura é o do tchau.*

quero ver você ler este texto em voz alta o não com a cabeça não é preciso falar eu não sei nada sobre o que eles falam só sobre o como eu é que não sei como eu queria na verdade é falar sobre técnica diálogo e plágio tá tudo justificado mas sem justificativa passa por conto pode ser quem sabe depende de quem assina quem sou eu na ordem do dia isso não é um conto muito menos um cachimbo. ■

 **Fabiano Vianna** nasceu e vive em Curitiba (PR). Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), atua como designer e ilustrador na Ctrl S Comunicação e é editor da revista/livro de literatura pulp *LAMA*.

 **Julie Fank** nasceu em 1988, em Cascavel (PR). É artista visual, escritora, professora e diretora da Esc. Escola de Escrita, em Curitiba (PR). Formada em Letras Português-Inglês e mestre em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), atualmente cursa doutorado em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Tem contos e poemas publicados em periódicos como *RelevO* e *Arte e Letra: Estórias*.

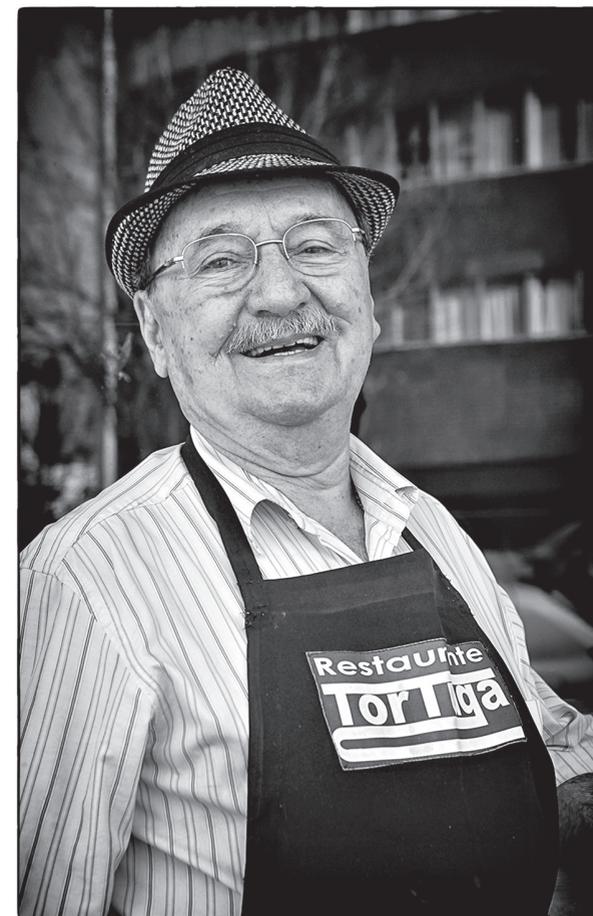
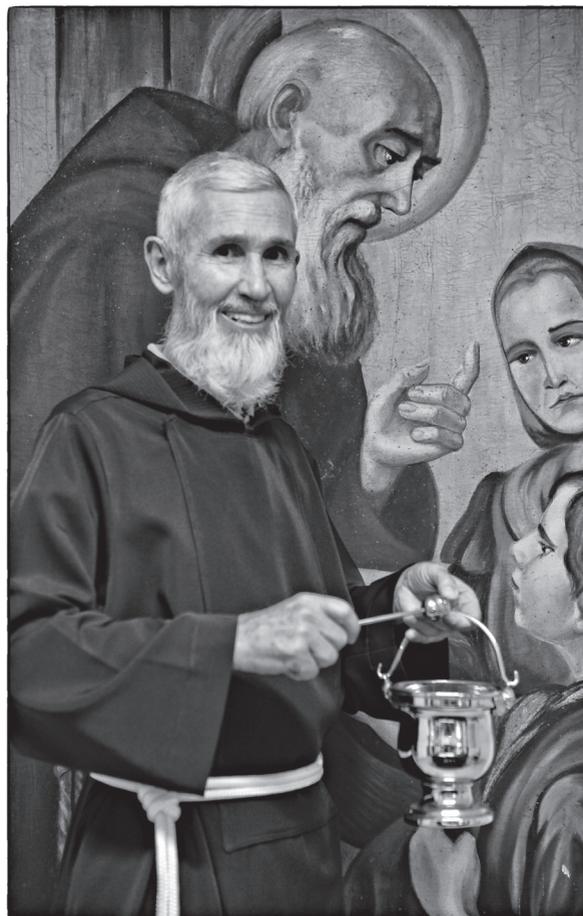
Nota

1. **Força centrípeta** é a **força** resultante que puxa o corpo para o centro da trajetória em um movimento curvilíneo ou circular. Objetos que se deslocam em movimento retilíneo uniforme possuem velocidade modular constante. Obrigada, Wikipédia.



CLIQUES

EM CURITIBA



 Português nascido na Ilha Terceira, em Açores, **Orlando Azevedo** vive em Curitiba desde a década de 1960. É especialista em expedições e empreitadas de longa duração – como o projeto Coração do Brasil, em que percorreu, entre 1999 e 2002, 70 mil quilômetros do território nacional registrando aspectos naturais e culturais. Suas obras estão espalhadas por diversos acervos internacionais (EUA, Cuba, França, Portugal) e coleções particulares do Brasil e do exterior. As fotos publicadas pelo **Cândido** fazem parte da série *Às Mercês*, em que Azevedo mostra personagens do bairro onde mora, Mercês. “Este é o meu quintal. E, quanto mais quintal, mais universal”, afirma.





O LIVRO

Ana Martins Marques nasceu em 1977 em Belo Horizonte, onde vive. É formada em Letras e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Autora dos livros de poemas *A vida submarina* (2009), *Da arte das armadilhas* (2011), *O livro das semelhanças* (2015) e *Duas janelas* (com Marcos Siscar, 2016). Por *O livro das semelhanças*, ganhou o Prêmio APCA de poesia e o terceiro lugar no Prêmio Oceanos 2016.

Thiago Salcedo é graduado em Arquitetura pela Universidade Tuiuti do Paraná e um dos cofundadores do grupo Urban Sketcher Curitiba. Divide a profissão de arquiteto com a de aquarelista. Vive em Curitiba (PR).

“o livro que alguém deixa cair ao adormecer
continua aberto,
como se ferido por um tiro”
Thomas Transtömer

O livro que alguém deixou cair
ao adormecer
continua aberto
ave abatida no voo
caída
com as asas abertas
ao pé da cama
o livro que alguém deixou
cair
crucificado
ao lado da cama
permanece acordado
ou cai também no sono
e sonha também
embaralhando as linhas
sonha que é pássaro
ou parede
sonha que lhe devolvem
a brancura original
que pode enfim não dizer nada
sonha que fala numa língua sem língua que todos entendem
sonha que conhece a água sem a destruição
sonha que as palavras se arruínam mas ele mesmo não se arruína
sonha que é de novo árvore, de novo floresta
sonha de novo suas ramas, sua seiva, suas flores
sonha que é uma vela aberta
que o outono alcança também
as folhas dos livros
sonha que doura ao sol
sua pele de papel
o livro que alguém deixou
cair
ao lado da cama
partitura para música
nenhuma
mapa para
nenhum lugar
caído no sono
do seu próprio peso
continua aceso
como uma lâmpada esquecida acesa
ao lado da cama ■